

DOCUMENTOS

CHARITAS

PUBLICAÇÃO RESERVADA AOS SERVOS DA CARIDADE

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO: O ESPÍRITO PRÓPRIO DOS GUANELLIANOS

ESPÍRITO E ESPIRITUALIDADE
Pe. Piero Pellegrini

A FIGURA DO Pe. GUANELLA
Pe. Leonardo Mazzucchi

SÍNTESE SOBRE A ESPIRITUALIDADE DO Pe. GUANELLA
Pe. Leonardo Mazzucchi

A FINALIDADE DA CONGREGAÇÃO DOS SdC
Pe. Piero Pellegrini e Pe. Attilio Beria

APROFUNDAMENTO SOBRE O FIM SECUNDÁRIO
DA CONGREGAÇÃO DOS SdC
Pe. Piero Pellegrini

Redação: Casa Geral - Vicolo Clementi, 41 - 00148 Roma

EDIÇÃO PORTUGUESA

Ano LXXXVII - Novembro de 2009 - N. 224

CHARITAS n. 224
RESERVATO AOS SERVOS DA CARIDADE
ANO LXXXVII - NOVEMBRO DE 2009

DOCUMENTOS

Sumário

- Apresentação
- Introdução: o espírito próprio dos guanellianos
- Espírito e espiritualidade (Pe. Piero Pellegrini)
- A figura do Pe. Guanella (Pe. Leonardo Mazzucchi)
 - um coração e um rosto
 - a sua espiritualidade
 - o pensamento
- Síntese sobre a espiritualidade do Pe. Guanella (Pe. Leonardo Mazzucchi)
- A finalidade da Congregação dos SdC (Pe. Piero Pellegrini e Pe. Attilio Beria)
 - nos projetos e realizações do Fundador
 - nos documentos do Fundador
 - no juízo dos contemporâneos do Pe. Guanella
- Aprofundamento sobre a finalidade secundária da Congregação dos SdC (Pe. Piero Pellegrini)

APRESENTAÇÃO

Queridos coirmãos,

apresento, no contexto do Ano Sacerdotal, um número especial de “Charitas”, com algumas contribuições de pensamento sobre o nosso carisma, que não podem senão fazer-nos bem e reavivar em nós o valor da missão que estamos cumprindo. A nossa Congregação, nos contextos da Ásia e da África de modo particular, está em expansão numérica e geográfica; isto significa presença de novas vocações que pertencem a culturas diversas daquela na ela qual nasceu.

Se depois consideramos que das nossas origens separam-nos algumas gerações de coirmãos, torna-se necessário para todos, hoje, retomar o estudo das nossas inspirações carismáticas e o aprofundamento do nosso patrimônio espiritual que realizaram alguns nossos coirmãos, em primeiro lugar o Pe. Leonardo Mazzucchi, testemunha privilegiado do ânimo do Fundador.

Um outro ponto de referência importante, para um ulterior aprofundamento da nossa identidade carismática, foi o Capítulo especial para a renovação das Constituições, como pedira o Concílio Vaticano II.

Neste particular momento de graça da nossa história, toda a Congregação viveu um período de intenso trabalho para redescobrir a originalidade do nosso espírito. Entre os coirmãos da segunda geração guanelliana, deve-se assinalar em particular o Pe. Attilio Beria e Pe. Piero Pellegrini, dos quais, neste número de Charitas, quis repropor alguns contributos, na esperança de que, em seguida, este trabalho tenha continuidade. Proximamente seremos capazes de oferecer também o tanto desejado comentário às Constituições, que recolherá, precisamente, grande parte do trabalho que foi feito na preparação para o Capítulo especial.

A intenção desde “retorno às origens” é aquela de convidar todos a conservarem e a entusiasmarem-nos pelo dom recebido do Espírito, como fonte de desenvolvimento criativo da nossa Congregação nas várias culturas nas quais torna-se presente na história.

O filósofo e teólogo dinamarquês S. Kierkegaard amava dizer: «A vida pode ser entendida só olhando para atrás, mas deve ser vivida olhando para adiante».

É fundamental “olhar atrás” para melhor agora “olhar dentro” de nós e na realidade histórico-social no qual somos inseridos, seja por dever de fidelidade à vocação que recebemos e seja porque cada nossa escolha seja realizada hoje em sintonia com a inspiração originária que o Espírito suscitou no Fundador.

Alguns textos aqui retomados, especialmente aqueles do Pe. Mazzucchi, foram adaptados, na linguagem ou na forma, para tornar mais fácil a tradução nas diversas línguas, porque o objetivo mais concreto que me impeliu a preparar este material sobre o carisma foi o pedido de tantos nossos jovens coirmãos que não conhecem, ou conhecem imperfeitamente, a língua italiana e que desejam haurir com maior facilidade do nosso rico patrimônio espiritual.

Confio, de modo particular, aos Superiores provinciais, para que provejam à tradução destes textos. Convido depois quem tem a possibilidade e a vontade de colaborar com o Conselho geral, a fim de enriquecer ulteriormente a bibliografia guanelliana com outras pesquisas e traduções.

Em sintonia com o nosso Plano de Pastoral geral deste ano: “Reaviva o dom da nossa missão”, formulo para todos os votos de saber e querer revitalizar, com alegria e compromisso, a nossa adesão a Cristo e o nosso testemunho de caridade também através desta revisitação das nossas origens.

Confio a Nossa Senhora, Mãe da Divina Providência, o conteúdo deste volume de Charitas. Ela que soube educar e convencer os servos do banquete das núpcias de Caná de Galiléia a seguir quanto o Mestre pretendia cumprir, ajude todos nós a sabermos tirar renovadas convicções para vivermos bem o nosso ser “guanellianos”.

Saúdo a todos, cordialmente.

Roma, 12 de novembro de 2009, festa de Nossa Senhora da Divina Providência.

Pe. ALFONSO CRIPPA
Superior geral

INTRODUÇÃO: O ESPÍRITO PRÓPRIO DOS GUANELLIANOS

«Como está escrito que “omnis spiritus laudat Dominum” e que os espíritos ou seja as guias do Senhor são vários e múltiplos, assim são vários e múltiplos os espíritos que guiam cada indivíduo e especialmente cada corpo de União Pia e de Congregação religiosa» (L. GUANELLA, *Máximas de espírito e método de ação*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 26).

«O Senhor, passo a passo e para cada família da Pequena Casa, manifestará o seu espírito e imprimi-lo-á nos corações. [...] Importa mais que não apareça à primeira vista, o saber-se regular segundo o espírito da própria Instituição, porque sem este a Instituição mesma poderia arruinar-se» (L. GUANELLA, *Ibidem*, pp. 26-27).

«Cada família religiosa tem um espírito particular, sugerido pela graça do Senhor e pela qualidade dos tempos e pelas circunstâncias de lugar; e este caráter ou marca é aquele que distingue um Instituto de outros semelhantes (L. GUANELLA, *R. 1910*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 1300).

«É importante saber-se regular segundo o espírito da própria Instituição, porque sem este perderia a mesma Instituição» (L. GUANELLA, *Máximas de espírito e método de ação*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 27).

«O espírito da Casa deve ser aprendido na medida em que o Senhor o manifesta e o imprime especialmente por meio dos superiores» (*Ibidem*, p. 27).

«Nisto está a força do princípio e do progresso das obras na Casa da Divina Providência, os Superiores não se cansam de repeti-lo, e os depen-

denes de senti-lo repetir a eles» (L. GUANELLA, *R int. FsC*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 968).

«Será uma chamada de assistência mais larga e segura do nosso santo Fundador, o estudar, recordar, absorver, transmitir as frequentemente evocadas notas características do seu espírito, do qual devemos embeber quantos educamos para continuar as nossas Obras e que devemos deixar em herança em todas as partes em que a nossa Congregação deva estender as suas fundações» (L. MAZZUCCHI, *Charitas* n. 61, p. 5).

«Ó Pai, seque-se a nossa mão direita, ataque-se ao paladar a nossa língua, cesse de bater o nosso coração, antes de afastarmo-nos do teu espírito, antes de infringirmos a estrutura da tua Obra, antes de contristarmos o Teu coração com uma vida menos digna!» (A. BACCARINI, *Circular de 27 de novembro de 1915, O Regulamento dos Servos da Caridade*, p. 410).

Quanto o Pe. Guanella tivesse bem claro um seu espírito e fosse ciu-mento que ninguém, por qualquer motivo, e mesmo com as melhores intenções, se intrometesse a fazer-lhe mudá-lo, viu-se claro (e grave), no fato que já recolhemos pelo testemunho do Pe. Mazzucchi (L. MAZZUCCHI, *A vida, o espírito e as obras do Pe. L. Guanella*, pp. 181-182).

A um certo momento, teve o justificado temor que para obter de Roma a aprovação das Constituições dos seus dois Institutos, viessem-lhe impostas condições “vinculadoras à sua iniciativa e que pudessem contradizer o espírito e o seu endereço”; pois bem, estava pronto a renunciar a constituir os dois Institutos em Congregação juridicamente entendida, a encontrar uma outra forma que lhe consentisse transmitir o seu espírito antes que alterá-lo.

«O Instituto assim suscitado, devemos crer que o Senhor o queira ap-to ao espírito dos tempos para reconduzir a sociedade do afastamento do verdadeiro amor de Deus e do próximo» (L. GUANELLA, *R 1905*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 1148).

ESPÍRITO E ESPIRITUALIDADE

Pe. Piero Pellegrini

Neste artigo, retomado do n. 2 de Informazione (Boletim da Província “S. Coração”), o Pe. Piero Pellegrini aprofunda o conceito de espiritualidade, pondo em evidência o núcleo sobre o qual se funda a espiritualidade guanelliana: a paternidade de Deus, “tese fundamental para a Revelação e a teologia cristã, mas raramente retomada e posta no centro de uma espiritualidade”.

Este importante argumento qualifica-nos e predispõe-nos a desenvolver a nossa missão guanelliana com os mesmos sentimentos do nosso Fundador, movidos pelas suas mesmas virtudes de fé, esperança e caridade.

No tempo do Pe. Guanella, os reflexos jansenísticos não permitiam uma valorização particular desta “familiarização” com Deus; o Pe. Guanella intuiu a extrema riqueza teológica e prática desta presença paterna de Deus entre os homens e foi um precursor. Pouco depois dele, o contemporâneo Harnack, simplificando e exagerando, reduzia toda a essência do cristianismo à revelação que Deus é nosso Pai. Hoje a liturgia renovada multiplica as alusões e as invocações a Deus-Pai e o termo aparece quase em toda oração.

Nesta moderna crise de valores, também religiosos, e num tempo de frio tecnicismo materialista, a volta a uma imagem familiar, calorosa e sempre atual e válida, profundamente natural e humana, absoluta como o princípio de tudo e concreta como origem de todo vivente é uma volta perfeitamente evangélica e leva-nos à encorajante visão de Deus que Jesus, São Paulo, os primeiros cristãos consideraram central e capaz de suportar o peso de toda a espiritualidade cristã, que responde à nossa necessidade de segurança e ao dever de uma incansável, dinâmica, inventiva e

* Cf. *Informazioni* n. 2, Dezembro de 1973, pp. 4-33.

também afetuosa busca do nosso próximo mais sofredor. A miséria física e moral solicita a nossa generosidade ao compromisso de reconstruir nos pobres, colaborando com Deus-Pai e participando da sua natureza, os lineamentos da verdadeira imagem de filhos de Deus.

Ocorrerá sentir profundamente esta paternidade de Deus, para saber-se revestir dela e transmiti-la, como nossa missão, com toda a nossa vida.

«O Senhor é Pai tão generoso que doa o seu Coração às pobres criaturas que o seu coração, apesar de tão pobre, doam-lhe» (L. GUANELLA, *Reg. int. FsC*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 968).

É uma chamada precisa a levar também na oração, o nosso encontro pessoal com Deus, uma *audiência que nos concede o Altíssimo* segundo o Pe. Guanella, aquele princípio de vida cristã que é o princípio da nossa vida cristã.

Talvez a nossa oração esvazia-se rapidamente e o encontro com Deus se fez, com o passar dos anos, formal e superficial, porque não ancorado firmemente na profundidade do nosso ser, mas ligado ao “sentimento imprevisivelmente mutável”.

Uma fé pessoal que compromete todo o nosso ser

A fé da qual nasce a oração não é, portanto, somente teoria ou convicção a nível intelectual, mas capacidade e coragem de pôr toda a própria pessoa, aquilo que se é e aquilo que se faz, diante d’Ele.

E tendo cada um a própria fisionomia, também interior, as qualidades de natureza e os dons da graça encontram em cada um uma ressonância particular e própria; e tanto mais um é autêntico quanto mais sabe exprimir a si mesmo também no seu encontro com Deus. É a grandeza do compromisso humano e cristão de podermos fazer caminho pessoalmente rumo às coisas mais altas, colaborando verdadeira e ativamente com Deus que nos precede e nos acompanha.

Pode-se construir uma própria vida espiritual “com licença”, imitando, diria-se em termos industriais, a patente alheia, as formas descobertas pelos outros, incapazes de ser originais e, portanto, autênticos; seria mortificante e não nos levaria muito longe.

Ter uma espiritualidade significa, ao invés, chegar à descoberta de Deus e a uma relação com ele, seguindo o percurso por ele mesmo traçado em nós, criando-nos num modo pessoal e pondo-nos, portanto, diante dele com a própria realidade mais verdadeira e mais profunda, constituída seja

de natureza seja de graça: será talvez algo de mais pobre e limitado daquilo que podemos admirar em outros, e será um contentar-nos de fazer frutificar o único talento dado por Deus, mas é tudo aquilo que Deus espera de nós.

Significa descobrir que Deus é verdadeiramente semelhante a nós, em concreto, mesmo com os nossos limites, e gozar desta facilidade de encontrar em nós uma base já pronta para encontrá-lo no plano real. A fé anima este encontro e torna-se crítica contínua e inquieta para exprimir-nos melhor e para levar esta visão de Deus no plano horizontal das relações consigo mesmos, as pessoas, as coisas, vistas através deste conhecimento de Deus.

Por espírito-espiritualidade, em conclusão, quer-se entender o modo pessoal que deriva das próprias qualidades mais verdadeiras de referir-se a Deus, visto e apreciado sob uma luz particular, e fazer disto o princípio firme e animador de toda a própria vida, iluminados e reforçados por esta relação pessoal com Deus, aí encontramos a força e os meios para dirigir-nos ao próximo e às realidades e para refletir sobre nós mesmos, com a missão de levar sempre esta imagem de Deus.

Significa, portanto, ser fiéis e coerentes consigo mesmos e com estes princípios descobertos em Deus: e não é coisa fácil, com o risco de confundir-nos e de promover os limites da nossa mesquinhez, ao invés dos espaços da grandeza de Deus presente em nós.

Deve acrescentar-se que a constituir uma pessoa entram em jogo tantos fatores:

- uma época determinada influi com a sugestão de idéias dominantes e de problemas urgentes;
- nisto influi o ambiente familiar e social, com as suas componentes emotivas, culturais, afetivas;
- além da visão de Deus e do homem, com as expectativas, as esperanças, desilusões e angústias; o homem rude da idade média procura o encontro com a realidade humana e doce de Cristo, enquanto no tempo dos absolutismos adverte-se Deus como majestade para servir não menos severamente que o próprio soberano.

O mesmo evangelho é lido e interpretado em relação com as necessidades do tempo; a experiência de vida espiritual é sempre uma busca de Cristo, mas por vias diversas e o Espírito, sempre presente, solicita os crentes para que exprimam, do modo melhor, a variedade infinita das maravilhas de Deus.

O encontro da nossa vida com Deus, portanto, não nasce e não cresce tanto sobre regras ou modelos externos, mas delinea-se sobre a realidade

pessoal e sobre as exigências mais verdadeira do coração. Só assim a vida espiritual satisfaz uma vocação interior e não é mais uma superestrutura feita de costumes ou de convenções superficiais, mas revela-se capaz de crescer em maturidade e de resistir às tempestades inevitáveis. Os grandes mestres de vida espiritual alimentaram a vida de fé com a riqueza excepcional da sua personalidade.

Modelos de espiritualidade

Com efeito, muitas vezes a potência do Espírito Santo prepara corações particularmente dotados, homens de qualidade excepcionais e de um intuito superior: eles sobressaem sobre o seu tempo, exprimindo as suas qualidades e as tendências melhores; entendem as suas necessidades e ditam uma resposta particularmente adivinhada e feliz que capta aquilo que de mais imediato e de mais profundo está no coração do homem. A sua resposta torna-se iluminante também para os tempos futuros, a sua figura e testemunho faz recolher em redor deles homens de sentimentos afins, capazes de avaliarem os princípios intuídos e de aceitarem as suas consequências práticas. Formam-se assim, seguindo estes grandes “tipos” ou mestres de espiritualidade, as escolas e as congregações sobre estes modelos, mas nestes encontra-se a expressão mais semelhante e estimulante de uma resposta que os limites do homem comum ou menos dotado não saberiam senão esboçar pobremente.

Os Beneditinos, os Franciscanos, os Dominicanos encontram nos princípios de fé e nas escolhas e métodos de atuação prática propostos pelos próprios fundadores uma guia para exprimir melhor a si mesmos, de acordo com aquela linha que vem escolhida porque mais de acordo com a própria pessoa.

O Pe. Guanella deve ser posto certamente entre estes dons excepcionais que Deus faz à sua Igreja e ao mundo.

Mas antes de falar disso, é útil esclarecer o discurso passando em revista alguns modelos clássicos de espiritualidade cristã.

No coração de cada um encontra-se sempre uma verdade central dominante, e é certamente o conhecimento especial ou intuição de um aspecto de Deus que comporta consequências bem precisas de santidade de vida e de compromisso apostólico.

Por isto a *S. Escritura* consigna habitualmente ao início da atividade daqueles mestres sumos de vida espiritual como foram os profetas, uma visão de Deus, que se solda fortemente sobre as características e exigências pessoais do profeta, domina depois em toda a vida do profeta e resume a sua missão.

Seria interessante reler a história de *Abraão*, homem generoso e corajoso, à luz da sua vocação, narrada em Gn. 12: a descoberta de um Deus exigente, amigo e fiel às promessas que o comprometem a ser considerado único interesse e referência da vida e garantia do futuro de um grande povo, que descenderá dele nômade, sem pátria nem filhos, transforma Abraão em modelo de fé e de esperança para toda a história da espera messiânica, isto é, do caminho de todo homem para Deus.

– Ou a história de *Samuel* homem reto e fiel, à luz da sua vocação que lhe requer um serviço de Deus, pronto e total, com desapego e desinteresse, mas com fervor e pontualidade: daquela noite da chamada não faltará mais aos seus encontros com Deus nas vicissitudes alegres ou tristes da monarquia e do povo. Por isto o profeta é tomado pelo desânimo quando o povo pede-lhe um rei, diverso de Deus: é possível servir outros, quando Deus chama? Mas o povo precisa de intermediários; coisa que o profeta, que viu Deus, tem dificuldade de entender (I Sm, 3).

– Ou a história daquele jovem brilhante e nobre, *Isaías*, a quem Deus revelou-se como “santidade” altíssima que exige santidade do seu povo; no dia da chamada é purificado, para que seja profeta do Santo de Israel, incansável no promover a santidade interior do culto; de Isaías parte uma verdadeira escola de espiritualidade que é refletida na Bíblia até o tempo do exílio (Is. 6).

– *Jeremias*, doce e sentimental, desejoso de paz no turbilhão da violência, posto desde o seu encontro com Deus para “destruir e desarraigar, para plantar e construir”; é sinal e presença do drama mesmo que Deus está vivendo quando como pai é obrigado a tornar-se juiz inexorável (Jr. 30-31); profeta melancólico e à força de um triste fim da nação, modelo de piedade para o povo novo depois do exílio (Jr. 1).

– *Ezequiel*, sacerdote alcançado pela presença de Deus na terra de exílio e feito profeta para um povo disperso: descobre na sua fantástica visão da chamada a universalidade de Deus sobre o espaço e sobre o tempo, e será o seu modo de referir-se a Deus sempre, por si e pelo povo: um Deus que está em toda parte e especialmente no coração do homem e que condena um culto só formal: o culto novo nasce da responsabilidade pessoal diante de Deus; o coração do homem é o mais esplêndido templo de Deus (Ez. 1).

Profetas marcados, no início da sua missão, por uma transtornadora descoberta de uma imagem de Deus, que responde às próprias estruturas pessoais e bem inserida num contexto histórico preciso, e solicitados a vivê-la e a fazerem-se dela apóstolos com todas as consequências práticas da levar a cabo junto com Deus que subverte os projetos humanos e compromete responsabilmente na sua ação de salvação.

Seguindo esta linha, os evangelistas põem em evidência, no início da missão de *Jesus*, uma revelação particular, nas margens do Jordão e em perfeita sintonia com a situação particular de Jesus: a voz celeste anuncia mais para nós do que para Ele que Jesus é o Filho de Deus; será este o seu anúncio, a sua missão profética: ele é Filho de Deus e a quem o recebe dá o poder de tornar-se filho de Deus.

São Paulo, apaixonado homem de contemplação e de ação, viu Cristo, no caminho de Damasco, em relação misteriosa com os seus fiéis e foi para sempre devorado pelo amor por aquele Cristo que o arrebatara, e na missão levou o compromisso radical de levar aquele corpo – a Igreja – ao pleno desenvolvimento da maturidade do Chefe.

Os grandes mestres de vida espiritual tiveram o seu encontro pessoal e original com Deus e ficaram marcados por isso por toda a sua vida e na missão. Deveria ser um pouco a história íntima de todo cristão.

A nossa amargura é, talvez, que nem sempre a formação levou-nos àquele encontro pessoal com Deus, àquela descoberta original de Deus que pusera em nós as premissas para tomar posse do nosso espírito e guiar-nos rumo a metas excelentes.

Como Bento, que descobre um Deus para servir em perfeita obediência na oração e na ação, como Bernardo, conquistado pela humanidade dulcíssima de Jesus, enquanto que De Foucauld intui-o como irmão; como Francisco de Assis que vê Deus como Pai, ou Domingos que o sente como Palavra que salva.

Esta intuição transtorna os projeto humanos de Francisco, de Inácio, de De Foucauld, e em redor dela reorganizam a própria vida.

Assim o Pe. Guanella percebeu em si a necessidade de Deus Pai e sentiu e saboreou a sua presença doce e tranqüilizante, aceitando a consequência de um compromisso de vida e de ação.

A nós, tanto mais pequeninos, não resta que esclarecer a nossa vocação.

Como Deus nos predis pôs e fez capazes de subir até Ele, aprendendo de um destes mestres que nos parece mais vizinho ao nosso espírito, por isto nos fizemos Guanellianos antes que Beneditinos, para percorrer o nosso caminho reduzível a um destes tipos dominantes, para redescobrir com eles Deus, algo ou um aspecto da sua grandeza e colocá-lo no centro da nossa fé, como princípio de toda a nossa vida.

Pe. Pellegrini retoma depois (da revista Vocation n. 259, 1972) alguns “perfis” de espiritualidade (Agostiniana, Beneditina, Dominicana,

Franciscana e Inaciana) com a finalidade de desenvolver e esclarecer a espiritualidade guanelliana. Aqui transcreve-se só o texto sobre a Espiritualidade Agostiniana, pelas suas afinidades com aquela guanelliana.

A espiritualidade agostiniana

«Deus do meu coração, Deus minha doçura. Vida da minha vida. Ó minha alegria que tarda a vir!». São palavras de amor de Agostinho a Deus. É o homem que falou mais com Deus. Depois de ter abandonado em Deus o seu espírito com a oração da noite, ele acostumava falar com Ele antes de adormentar-se e assim de manhã quando despertava-se. Era impaciente de ser feliz e encontrou a felicidade amando a Deus. Não como diríamos nós um pouco demasiado depressa: “Meu Deus, eu vos amo”, enquanto não é verdade. Ele continuou teimando.

«Tudo o que eu sei, é que em toda parte, exceto que em vós, não somente fora de mim, mas também em mim, eu provo mal-estar».

O que nos pode ensinar S. Agostinho é a paixão por Deus. Ela sozinha dá um senso à nossa vida não com uma escolha entre diversas verdades, mas com a escolha da verdade. Nós vimos de Deus e nele vivemos, Ele habita em nós e nós estamos em caminho rumo a Ele. A nossa existência sem Ele seria uma vida à margem da vida. O fato de termos chegado à idade da televisão ou da programação, muda muitas coisas, mas não esta: somos feitos para sermos felizes com Deus e por meio dele. O ideal agostiniano para a vida humana é louco mas verdadeiro: alcançar a intimidade com Deus desde agora, ainda que nas difíceis condições de uma vida sobre a terra. Temos à disposição somente alguns anos para tentar isto: não nos será nunca mais oferecida uma outra ocasião.

A espiritualidade agostiniana está toda numa só convicção que faz de ponto de partida ao progredir, ao criar, ao tentar, ao procurar, ao encontrar e depois de novo procurar. É a espiritualidade de base: crer profundamente que é preciso amar, e viver partindo desta convicção.

Onde existe a caridade, existe tudo, onde ela falta, não há nada.

Na vida do espírito, batalhamos sobre terrenos secundários para evitar o terrível combate: amar também quanto é coisa louca e impossível.

Durante toda a nossa existência e em cada instante dela precisaria fazer este passo de amor, precisaria conseguir esta vitória para o amor. Recusar-se quereria dizer: não à vida. Uma falta de caridade não é uma coisa como as outras, é a destruição do tudo, precisamente nas suas raízes.

Viver na presença de Deus, elevar-se para Ele foi sempre a obsessão de Agostinho. A oração agostiniana é logo definida: esforço de união de amor com a Trindade presente em nós. A chave: Jo 14, 23: «*Se alguém me ama, guarda minha palavra; meu Pai o amará, viremos a ele e nele faremos morada*». Nós nos tornamos então templo e jardim de Deus, na lembrança do Éden: Deus passeia se ali encontra grandes espaços de caridade.

A personalidade do Pe. Luís Guanella

A sua personalidade é potente e genial: a sua vida interior não é feita de teses dos livros ou de costumes superficiais, mas de profundas e dolorosas experiências vividas; as qualidades naturais constituem uma forte carga de ação acentuada pela sua experiência a respeito dos outros; a graça preparou-o e acompanhou-o com generosidade divina.

Talvez a influência exterior de família e de educação religiosa pôs em relevo certas exigências do seu espírito. Infelizmente não podemos ler muito do seu íntimo, porque, foi dito muitas vezes, evitava falar de si e normalmente era reservado. A coleção do seu epistolário oferece a sua confirmação. Só poucas cartas, referidas a momentos excepcionais da sua vida, são verdadeiramente pessoais; em grande parte são anotações de escritório, desenvolvimento de práticas ou de relações que revelam a sua abertura para com o correspondente, mas não descobrem muito o seu ânimo, a sua história íntima, nem sequer lá onde o esperaremos, como a correspondência com o Pe. Leonardo Mazucchi ou com outros coirmãos e amigos queridos.

É preciso coligar diversos elementos para descobrir como tenha chegado a sentir e provar o Senhor como Pai e fazer disso o eixo da sua vida (cf. Pe. ATTILIO BERIA, *O Beato Fundador Pe. Luís Guanella, síntese vivente - espírito e carisma*: relação para o Capítulo especial).

Ocorre ter presente:

- a influência da família: a severidade do pai, a doçura da mãe, o número dos irmãos, o destaque prematuro da família para o longínquo colégio;
- a severa forma de piedade absorvida na família e a formação eclesial e doutrinal cheia de rancores jansenísticos;
- o encontro precoce com a pobreza em casa e com os pobres fora; a severidade da vida juvenil; a antropologia dominada por um duro juízo sobre o homem abandonado a si mesmo, mas com uma enorme esperança na sua plena redenção;

- o duro período de atribulação exterior e de prova interior nos anos difíceis da sua vida.

Neste contexto, no seu espírito vai lentamente prevalecendo a idéia de que **Deus é Pai**; torna-se princípio que explica tudo, que move tudo. E afirmou-o com frequência notável. A sua foi expressão de instinto cristão: revelação de Deus como resposta a uma exigência profunda do seu espírito, aflorada como intuição do coração, não como conclusão de um raciocínio. Deus-Pai tomou posse da sua mente; fez-se guia dos seus sonhos e depois das suas realizações e, então, também garante das suas dívidas; deu, sobretudo, unidade espiritual a toda a sua vida.

O seu ânimo precisava desta confortante visão de Deus, se se tem presente o seu grave juízo sobre o homem. Foram já recolhidos muitos textos expressivos a este respeito; mas é útil refletir que o seu “pessimismo” está somente como pano de fundo: uma expressão de quanto podia ler em si mesmo e no seu ambiente, também na miséria que ia recolhendo nas suas Casas, expressão coerente com a firme adesão à verdade do pecado original.

Este pessimismo é largamente superado pela esperança em Deus e na redenção-esperança que se estende à alma e ao corpo e solicita intensamente toda a vida do Pe. Guanella para a salvação do homem inteiro. O homem sozinho é bem triste coisa, mas pegado por Deus transforma-se profundamente. Abre-se uma visão otimista que é a única que pode explicar as escolhas apostólicas do Pe. Guanella em favor dos mais pobres, os pobres de inteligência e de qualidades espirituais: também para estes há salvação.

É significativo também o fato que o período mais intenso de reflexão do Pe. Guanella junto a Dom Bosco (1875-1878) esteja encerrado entre as datas dolorosas da morte dos seus pais: papai Lourenço aos 22 de janeiro de 1874, mamãe Maria aos 18 de setembro de 1879, e pouco depois a eles dedica, no pleno dos anos obscuros e difíceis (1880), o opúsculo “Vamos ao Pai – convites familiares a bem meditar a oração do Pai-nosso”: da dor e da miséria humana há a rápida passagem à paternidade insubstituível de Deus.

Estas perspectivas inserem-se sobre o fundo emotivo e afetivo que se reconhece ao Pe. Guanella e que se manifestou seja para com Deus, seja para com os homens; encontramos aqui um estilo de vida que foi depois transmitido a nós como característico: familiaridade, hospitalidade, simplicidade sem singularidade ou exterioridade ou aparências, confiança em Deus e nas pessoas...: um estilo verdadeiramente de família.

E eis em propósito um texto do Fundador muito expressivo: «As formas e as expressões de monacato, de solidão e de taciturnidade excessivas devem ser evitadas. Em tudo e até ao limite da culpa, um coração que quer agradar e ajudar o seu próximo convém que se mostre cortês, desembaraçado, condescendente com aquela liberdade de espírito que é um verdadeiro dom do céu» (L. GUANELLA, *Máximas de espírito e método de ação*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 27).

É um texto que rompe esquemas e formas. Naturalmente deve ser inserido no contexto do escrito *Máximas de espírito e método de ação* de 1888, no qual são significativos estes capítulos: 1 - A fadiga (o trabalho); 2 - Método para fazer um pouco de bem... 6 - Vínculo de união; 7 - Depois da santificação própria deve-se procurar a santificação alheia.

Contexto e vida do Pe. Guanella revelam maturidade de espírito e de graça, capacidade de medir o risco e controlar-se, riqueza de doação autêntica: só a estas condições, esta “liberdade de espírito” – em tudo e até o limite da culpa – é um verdadeiro dom do céu.

Conhecemos o seu estilo de piedade intensamente afetiva e contemplativa, feita concreta em redor dos pontos focais: a Eucaristia, o Sagrado Coração, Nossa Senhora Imaculada e nos é familiar a referência contínua à Providência de Deus para com os seus filhos.

Seria interessante também verifica a ressonância do tema da paternidade no Pe. Guanella, vendo-o estendido

- para Jesus Cristo (irmão e pai nosso);
- para Nossa Senhora (da Imaculada à Mãe da divina Providência);
- para a Igreja: há uma significativa lembrança na biografia do Fundador cuidado pelo Pe Mazzucchi (L. MAZZUCCHI, *A vida, o espírito e as obras do Pe. Luís Guanella*, p. 370);
- para o sacerdote no capítulo XIV do opúsculo “O Montanhês”. O texto, com um pano de fundo autobiográfico, começa com as palavras do menino a Deus: «Pai, eu quero ser padre» e encerra-se com a dor do povo: «Ó Pai, ó pastor pio, por que nos deixaste órfãos e desolados?» (L. GUANELLA, *O montanhês*, Opera Omnia, Vol. III, pp. 1002-1003);
- para os educadores nos Institutos.

Acrescente-se a nota da atividade a tornar múltíplice, variado, pessoal o seu referir-se a Deus, ao próximo e a si mesmo. Todas as características acenadas adquirem um tom dinâmico, enérgico: frequente e variado na sua cotidiana busca de Deus na oração e no propô-lo aos outros; incansavelmente aberto e compreensivo, benevolmente convidativo e solici-

tante, paternalmente cuidadoso para com os pobres, insistente para com os coirmãos no promover «*aquela caridade de Jesus Cristo que é o primeiro e principal vínculo dos Servos da Caridade*» (L. GUANELLA, *R SdC* 1905, Opera Omnia, Vol. IV, p. 1187).

Tem-se assim o quadro sumário da sua rica personalidade, fundada em firmes princípios e aberta a uma pluralidade de interesses e de intervenções concretas, que aludem, nas suas linhas mais esquemáticas, àquele “**rezar – padecer – caridade**” que encontramos como guia transmitida a nós.

O seu espírito torna-se carisma, dom de Deus à Igreja para obras novas. É o espírito da Congregação, a alma interior que faz compreensível e sólida a nossa escolha de dirigir-nos aos mais infelizes filhos de Deus para a sua elevação material e espiritual.

Pode-se afirmar que, sem esta animação interior, é bem difícil ser do Pe. Guanella. Como aquelas escolhas práticas de assistência do Pe. Guanella amadureceram-se logicamente (lógica de fé, sobretudo) sobre situações precisas, firmemente alicerçadas em Deus e na natureza humana, assim para nós vocação guanelliana quer dizer ser abertos (por natureza e por graça) a estas disposições interiores, a estas escolhas e atitudes, isto é, ser capaz de percorrer, com convicção que nasce da consonância de princípios e de tendências, o mesmo itinerário interior cumprido pelo Fundador.

O estudo do espírito da Congregação, especialmente agora que o tempo destaca-nos já nitidamente das origens, torna-se não só uma gostosa redescoberta das vicissitudes pessoais e íntimas de quem é o nosso pai, mas uma necessária coligação com as fontes, para não tornar árido, entre discussões e programações nossas ou entre as demandas do contínuo progresso científico também no setor assistencial, o coração da nossa vida religiosa guanelliana.

Com estas premissas que serão, pelo menos em parte, retomadas e documentadas, e com a finalidade acenada, nasceu a primeira Parte das nossas atuais **Constituições** (C 1-16), feitas de textos do Fundador, transcritos possivelmente à letra, algumas vezes abreviados ou também retomados dos documentos do Pe. Mazzucchi concernentes ao espírito do Fundador. Estes números querem ser uma lente através da qual a nossa vista veja a nossa cotidiana referência ao Evangelho vivido e aplicado pelo Fundador; e não se deve duvidar que a interpretação, mesmo se reduzida àqueles poucos pontos essenciais: Deus é nosso Pai - rezar - padecer - caridade, esteja autêntica e perfeitamente no coração do Evangelho.

Confronte-se, querendo, o prólogo “*Ausculata, fili*”, anteposto por S. Bento à sua Regra: a perspectiva do monge a respeito do abade, na escuta e na obediência, resume certamente um espírito evidentemente singular.

A sua intuição fundamental: a paternidade de Deus

Os princípios

Lembra que, pelo pecado, tu és um amontoado de miséria e de malícia das quais, sozinho, não terias nunca podido libertar-te.

Mas, pela sua suma piedade, Deus tornou-te grande de uma grandeza celeste. Deus demonstrou-se para ti Pai bom e amou-te:

- na criação, dando-te uma alma imortal e um corpo semelhante àquele de Jesus.
- na redenção, estendendo-te a mão, na fonte batismal e abraçando-te como filho de adoção.

Ele uniu-te a si por meio do seu Filho Jesus Cristo crucificado, teu Redentor, ao qual o Pai quer que te conformes, transformando-te nele.

- Por isto Jesus Cristo permanece sempre contigo: na Eucaristia e no pobre.
- Vive, portanto, unido a ele que é teu Pai e irmão caríssimo.
- Deixa-te governar inteiramente por ele, e verás os portentos da sua piedade divina e da sua potência infinita.

As consequências

– Rezar

Porque Deus é teu Pai, tem para com ele uma piedade filial: apressa-te para o teu Senhor com todas as faculdades da alma, com todas as potências do corpo, a invocação frequente seja o sorriso filial para o Pai; a tua oração é uma audiência que o Altíssimo concede-te para conversar com o Senhor teu Deus. Bane do teu coração todo temor: ama e sê beato! E abandona-te com confiança à sua Providência divina.

Centro da tua piedade seja Jesus Eucarístico; a Virgem Imaculada ensine-te a unir-te a ela como ela foi unida, coração a coração, ao seu divino Filho.

Reconhece, em todas as verdades e graças da Fé, uma magnífica munificência do Coração de Jesus Cristo e mantém-te firmemente unido à Igreja e ao Papa...

– *Padecer*

Já que foste tirado da tua miséria, evita sobretudo o pecado, usa contigo severidade e mortificação, com desprezo de ti.

Evita toda aparência, singularidade e exterioridade.

Dá, ao invés, preponderância às virtudes interiores a respeito da atividade externa; mas o intenso trabalho de cada dia seja especialmente o teu padecer.

– *Caridade*

Como o Pai teve misericórdia de ti, também tu usa-la com os teus irmãos; também eles têm a imagem de Jesus e apresentam-no a ti, e sobre os mais miseráveis verte a tua piedade para com Jesus Crucificado.

Cansa-te com zelo fervente pelo seu bem sobrenatural: com disposição grande para a misericórdia, com energia e doçura de direção, mira a uma alta espiritualidade, mas usa paciente graduação e concessões com quem tem um andamento mais lento.

Revigora os seus corpos cansados: com caridade em tudo, sabe edificar já aqui na terra a família do Pai: com a hospitalidade para as misérias mais abandonadas, o interesse pelos mais humildes, uma familiaridade acessível e aprazível expansão.

Com método preventivo, faz com que a ninguém aconteça mal de nenhum tipo e que todos, no caminho da vida, cheguem a uma meta feliz.

Não te preocupes pelo seu sustento: não és tu, mas é o Pai celeste que mantém os seus filhos e não deixará que falte nada.

Mas estima os bens que te são mandados como patrimônio dos pobres, que deves administrar severamente: não te constituas réditos fixos.

Para ti, pois, os bens terrenos sejam espinhos no coração; a tua pobreza seja para ti escola de confiança em Deus e de união sempre mais íntima a Ele.

Os documentos

– *Textos do B. Fundador*

- A. - Textos sobre a paternidade de Deus.
- B. - Textos sobre Jesus Cristo, expressão da Paternidade de Deus.
- C. - O capítulo sobre a obediência, do Regulamento de 1910, com a apresentação do Pe. Beria (da Relação “O B. Fundador Pe. Luís Guagnella”, apresentada no Capítulo especial para a renovação das Constituições).

A. - A PATERNIDADE DE DEUS

Se se tem em conta

- as severas formas de piedade absorvidas na família
- a formação eclesial e doutrinal cheia de rancores jansenísticos
- o período de atribuição exterior e de prova interior, até os umbrais do desânimo,

parece-nos dever falar de revelação e de milagre diante da constatação que neste tempo (1878-1886) chega à maturidade o seu modo de sentir e provar o Senhor como Pai.

É de 1880 a obra “*Vamos ao Pai*”, que da doutrina da paternidade de Deus é um grande texto.

Doutrina que cresce na outra obra “*Vamos ao monte da felicidade*”, que é do ano depois e que nos anos sucessivos será retomada nas conferências às irmãs de Pianello (conferências que ofereceram o material para compor “*O Fundamento*”).

– *Teologia da Paternidade de Deus*

«Estás longe do teu Senhor e entendes que deves voltar para ele... Se aquelas tuas são como lágrimas do servo que chora pelo mal que lhe vem pelas suas desordens, tu estás próximo a obter o perdão das tuas graves dívidas. Aliás, se a estas lágrimas acrescentas uma gota daquelas lágrimas e daquele sangue que Jesus espargiu sobre a cruz, então já estás perdoado. Que se as tuas são já como as lágrimas do filho desolado o qual se atormenta pelo desgosto sumo que deu ao pai, então já o Pai celeste está dis-

posto a perdoar os teus e a receber-te de novo em casa, porque o Senhor ama logo aqueles que o amam» (L. GUANELLA, *Vamos ao Pai*, Opera Omnia, Vol. III, p. 149).

«Com efeito, apenas tu acenes a arrepender-te e sofres pensando nele, ... o Senhor, teu Pai, enumera os suspiros do teu coração» (L. GUANELLA, *Vamos ao monte da Felicidade*, Opera Omnia, Vol. III, p. 216).

«Escuta, portanto, a voz do Pai que te chama; prova a afastar do teu coração os rumores do mundo e então viva manifestar-se-á a palavra do teu Deus. Apenas depois que tu a tenhas ouvido, ocorre como filho à voz do Pai dileto, e logo será abraçado pelo Senhor como filho querido» (L. GUANELLA, *No mês das flores*, Opera Omnia, Vol. I, p. 918).

Reflete recordando, quando pequeno pastor, assistias o rebanho; então o teu pensamento corria rápido ao pai e à casa doméstica... O coração acumulava os seus afetos e as lágrimas irrompiam como duas fontes dos olhos. Para estagná-las tu gritavas: o pai está em casa, logo reverei eu mesmo o pai dileto. As ternuras que tu conservas para o teu pai terreno devem conduzir-te a multiplicar em ti o amor pelo Pai celeste. No meio das penas da vida, pensa continuamente: o meu Pai e Senhor está no céu; logo reverei lá encima o Pai» (L. GUANELLA, *Vamos ao Pai*, Opera Omnia, Vol. III, p. 113).

«Tendo voltado ao Senhor, pensa: neste momento eu saboreio toda a alegria que prova em si o filho que voltou entre os braços paternos» (L. GUANELLA, *Ibidem*, p. 173).

«Reflete, portanto, que dois são os montes da lei do teu Senhor. Existe o Monte Sinai, sobre cujo vértice Deus publicou para os seus servos, os Hebreus, uma lei que torna próspero o homem, como a ordem do patrão que torna próspero o servo fiel. Existe, além disto, o monte das bem-aventuranças evangélicas: do vértice deste monte, o Senhor manifestou ensinamentos que dão gozo íntimo, como as vontades de um pai ótimo que alegam o coração de um filho dileto» (L. GUANELLA, *Vamos ao monte da felicidade*, Opera Omnia, Vol. III, pp. 185-186).

«A estas ordens do Senhor Pai, um filho pode responder de modos diversos. Imagina agora três filhos do mesmo pai que cumprem as mesmas vontades paternas. Tu olhas para o primeiro e percebe que obedece unicamente para não ser castigado; olhas para o segundo e vêes que obedece unicamente para receber o prêmio; o terceiro, depois, obedece pelo desejo ardente que tem de agradar em tudo o Pai dileto e de procurar-lhe consolação. Este último filho é certamente mais louvável. Aliás, advertes aqui que um mesmo filho pode obedecer de dois modos diferentes. Um filho obedece ao pai para agradar-lhe e não pensa em outra coisa. O outro

filho obedece igualmente para satisfazer o coração paterno e, ao mesmo tempo, considera as ordens recebidas, admira-as e faz admirá-las; depois, quando pode, estuda as sentenças do pai e penetra dentro nos efeitos do seu ânimo, porque o bom filho queria pensar como o pai, falar como o pai, desejar só aquilo que deseja o genitor diletto» (L. GUANELLA, *Vamos ao Pai*, Opera Omnia, Vol. III, pp. 138-139).

«Se tu sobes muito alto nos graus deste amor ao Pai, se tu desabafas com Deus com afeto de filho terno e imitas as suas virtudes, verás como o Senhor consolar-se-á contigo» (L. GUANELLA, *Ibidem*, p. 119).

Permanece ainda o vértice desta relação de filho com o Pai:

«O teu Pai celeste tem mais desejo Ele de dar-te os seus dons do que tu tenhas cuidado em pedir-lhes; Ele te enche dos seus favores em cada instante: e para que não creias que te beneficie porque tu lhe és grato, frequentemente Ele dispõe que tu nem sequer te dêes conta das maiores graças que te doa generosamente» (L. GUANELLA, *Ibidem*, p. 111).

«Quando o filho copia em si as virtudes do Pai, forma-se dos dois um só pensar e um só querer. Quando depois conversa, fazem-no com familiaridade cordialíssima, porque sabem que estão unidos no amor» (L. GUANELLA, *Ibidem*, pp. 115-116).

«Basta ao coração do filho encontrar-se nos braços do pai: e a ti quando bastará a consolação de ver-te no seio do Pai celeste?» (L. GUANELLA, *Vamos ao monte da felicidade*, Opera Omnia, Vol. III, p. 210).

Na doutrina e devoção da Paternidade de Deus, enraizaram-se o sentido e a doutrina da *Providência divina*.

Deus que é Pai, tudo faz pelos seus filhos.

O maior dom de paternidade foi de enviar-nos o seu Filho, o seu Amor, para que como Mediador nos reconduzisse a Ele. Mas com aquele primeiro dom, tudo em nós e de nós e em redor de nós é obra do Pai, a sua Providência. Os mesmos escritos *Vamos ao Pai - Vamos ao monte da felicidade*, importantes para a doutrina sobre a Paternidade, são também textos para a doutrina sobre o Amor providente de Deus, Pai e Filho. São também ricos para este tema os opúsculos de apologética *Cristo vivente na sua Igreja - As glórias do Pontificado - Um olhar sobre a Igreja militante*, nos quais é constante o pensamento que Deus providente governa o mundo e guia a sua Igreja.

Da doutrina da Paternidade provém o lugar que tem *Jesus Cristo no centro da vida cristã*, e o modo particular do Pe. Guanella de sentir e pensar e viver Jesus Cristo.

No mesmo opúsculo, dominado pela idéia da Paternidade de Deus *Vamos ao Pai* e depois no outro *No mês do fervor*, que é de quatro anos depois (1884), temos os textos desta doutrina sobre Jesus Cristo Pai da mesma paternidade de Deus Pai - Mediador do Pai - Revelador do amor (Sagrado Coração) do Pai.

A sua missão de mediação, Jesus Cristo cumpriu-a com a Encarnação e a Paixão, continua-a na Eucaristia. São estes os mistérios de Cristo que predominam, com efeito, na meditação e na oração do Pe. Guanella. Ele, para exprimir numa só visão todo este mistério de amor encarnado, crucificado, eucarístico, encontrou ótima a doutrina do Sagrado Coração e boa a forma do culto ao Coração de Jesus. Assim ele renovou, com bem outra profundidade, a devoção ao Sagrado Coração que já fora um dos pontos fortes dos seus anos de formação.

B. - JESUS “PAI”

a) *Nos mistérios da sua vida, da Encarnação à morte*

No homem e no cristão a parte nobre é a alma. Quando as boas qualidades de um filho assemelham às ótimas qualidades do ânimo do Pai, então forma-se entre os dois uma conjunção de afeto vivíssimo.

«Jesus Pai dos homens queria unir os seus afetos e a sua pessoa aos afetos e à pessoa dos seus filhos. Por isso imaginou para tal efeito uma coisa que nem a mente do homem, nem a inteligência do anjo não teriam nunca podido pensar» (L. GUANELLA, *No mês do fervor*, Opera Omnia, Vol. I, p. 1218).

«Os pastores e os Reis Magos, quando chegaram à cabana de Belém, saudaram Jesus dizendo: “Eis o nosso Pai!”. José e Maria, no surgir da luz de cada dia, em Nazaré, inclinavam-se sobre Jesus dizendo com plenitude de afeto: “Eis o nosso Pai!”, até que, consumados pela chama do desejo, também eles, como Jesus sobre a colina de Sião, voaram rumo ao Paraíso, onde, chegados à vista de Deus Pai, exclamaram com a alegria dos beatos: Eis o nosso Pai, eis o nosso Pai! O Pai então, mais do que outras vezes, dirigiu-se a eles, dizendo: “Eu sou o vosso Pai e vós sois meus filhos. Pois bem, Eu vos consolarei!”» (L. GUANELLA, *Vamos ao Pai*, Opera Omnia, Vol. III, p. 121).

«O coração de Jesus é coração de Pai. Jesus mora trinta anos na casa de Nazaré e de lá, com alegria inefável discorre familiarmente com o Pai eterno» (L. GUANELLA, *No mês do fervor*, Opera Omnia, Vol. I, p. 1186).

«Vem ao Cenáculo, onde está Jesus Cristo pela última vez com os seus apóstolos. No dia seguinte Jesus morrerá na Cruz sobre o Calvário. Um pai que parte para longe dos filhos sente-se dividir o coração em dois. Se depois deve já partir desta vida, então é uma ternura indizível... No entanto, deu a comunhão a cada um dos apóstolos, e depois, dirigindo-se a eles, continuou: Eis, meus discípulos: aquilo que vistes fazer a mim neste momento, fazei-o vós mesmos até o fim do mundo, porque eu sou o vosso Pai e vós sois os meus filhos. Não rege o coração de um pai a estar longe dos seus filhos. Eu agora disponho-me a morrer e depois ressuscitarei no terceiro dia e subirei ao céu; mas não vos abandonarei, porque o pai não pode estar longe dos seus filhos. Eu estarei convosco até a consumação dos séculos» (L. GUANELLA, *Ibidem*, pp. 1277-1278).

«Representa-te agora Jesus teu pai no jardim das oliveiras; pensa depois de estar vizinho a Jesus que agoniza sobre a Cruz. Pergunta-lhe o porquê de tantas penas e responder-te-á com gemidos piedosos: tive filhos que nutri e exaltei e estes desprezaram-me! O que lhe acrescentas agora tu?» (L. GUANELLA, *Vamos ao Pai*, Opera Omnia, Vol. III, p. 119).

«Considera que bom coração de Pai é aquele de Jesus teu Salvador e Senhor! Grita continuamente: Vim para procurar as almas dos filhos que pereceram! E, no entanto, aflige-se para encontrá-los, e quando encontra-os, abraça-os no seio com gáudio altíssimo» (L. GUANELLA, *No mês do fervor*, Opera Omnia, Vol. I, pp. 1204-1205).

«Nós não nos gloriamos senão na Cruz do Nosso Senhor Jesus Cristo, na qual está a vida, a salvação e a nossa ressurreição... Os apóstolos alegraram tão altamente o Coração de Jesus, que cada vez eles, como filhos diletos, exclamaram-lhe: “Pai! Pai!”. Ele respondia: “Vós sois meus filhos e sois os meus diletos!”» (L. GUANELLA, *Vamos ao Pai*, Opera Omnia, Vol. III, p. 120).

b) *No dar os mandamentos e mandar as provas*

«O coração de um Pai é coração cheio de ternura, porque, querendo fazer bem ao seu filho, proporciona os pesos da fadiga às forças do seu pequeno corpo... Do filho não requer outra coisa senão que more em casa, que seja dócil à voz do mestre. Quer que seja atento às insinuações da mãe, que cumpra com assiduidade, na medida em que pode, os pequenos serviços da família. O coração de Jesus é o coração daquele pai ótimo» (L. GUANELLA, *No mês do fervor*, Opera Omnia, Vol. I, p. 1190).

«Jesus, com coração de pai, de verdadeiro pai, convida-te assim: vem, porque o meu jugo é suave. O jugo é aquele dos mandamentos.

Imagina-te que um pai diga ao seu filho: honra-me, não me imprecar mal; vindo à festa do meu onomástico, oferece-me algum sinal de afeto: respeita a tua mãe e os irmãos e não sujes na lama a tua pessoa, não faças nunca aos outros o que não desejas para ti mesmo... Aqui é Jesus teu Pai, o qual ao jugo suave dos seus mandamentos acrescenta o peso ligeiro dos seus conselhos» (L. GUANELLA, *No mês do fervor, Ibidem*, p. 1201).

c) *Na Eucaristia*

«Considera agora que o Senhor do céu continua para ti este discurso admirável. Sobre esta terra Jesus, no SS. Sacramento, alcança-te com amor divino: Eu sou o vosso Pai e vós sois os meus filhos... Eu estou aqui para salvar todos... Aproximai-vos, ó filhos, para que eu vos abrace.

O que respondeste tu até aqui a Jesus e que coisa pretendes dizer-lhe agora?

Se não sabes uma coisa melhor, replica: Pai! Pai! Pai!

Murmura este nome amado com a ingenuidade do filho amante e isto far-te-á agradar altamente a Deus Pai» (L. GUANELLA, *Vamos ao Pai, Opera Omnia*, Vol. III, p. 120).

«O Corpo de Jesus Cristo, meu Senhor e Pai, guarde-me para a vida eterna!» (L. GUANELLA, *Ibidem*, p. 175).

«Sabes que agradas a Deus e estás seguro que o Senhor tomará sempre cuidado de ti. O filhinho está em paz, quando está recolhido nos braços do pai: pois bem, como é possível que tu não gozas a tranquilidade quanto te encontras nos braços de Jesus teu Pai?» (L. GUANELLA, *No mês do fervor, Opera Omnia*, Vol. I, p. 1219).

C - A OBEDIÊNCIA

Grande texto da doutrina sobre a Paternidade de Deus e sobre Cristo, exemplar Mediador junto ao Pai, é o capítulo sobre a obediência no Regulamento dos Servos da Caridade de 1910.

Só alguns acenos. Reenvia-se à leitura do texto (que por ocasião do Centenário da publicação será comentado mais detalhadamente).

– O filho quer conhecer, amar, cumprir as vontades e também os desejos do seu Pai ótimo, sábio, bom, santo. Assim ele faz contente o Pai e encontra tranquilidade e felicidade para si.

– Nós pobres filhinhos, redimidos pelo Sangue de Jesus Cristo, devemos amar Jesus Cristo nosso pai bom e conformar o nosso coração aos desejos do seu Coração. Ele disse: «disto conhecer-se-á se me amais, se fareis a vontade do Pai»: Jesus pelo Pai.

– O mérito da obediência está no modo no qual um filho estabelece a relação com o Pai para si e para as coisas suas.

– O cristão que busca a perfeição deve estabelecer com o Pai uma relação conforme o exemplar Mediador que é o Verbo eterno, o qual se fez homem para cumprir a vontade do Pai.

– Também os graus da obediência são explicados considerando os níveis de profundidade que um filho pode alcançar na relação com o Pai:

– na eventual transgressão por parte do filho, como se comporta o Pai para com tal filho? Está atrás dele, suspira, geme, espera até o extremo (está implícita a parábola do filho pródigo, nas qual precisamente Jesus falou do Pai). Neste parágrafo Jesus Cristo não aparece, porque, na transgressão, o filho não tem diante Jesus como modelo de obediência.

Para relevar a importância deste texto de doutrina sobre a Paternidade e sobre Jesus Cristo, tenha-se presente:

– Para o Pe. Guanella o nó da vida religiosa é a obediência: «O voto de obediência constitui o religioso homem perfeito, porque dar o intelecto e o coração a Deus por meio dos superiores é dar o mais e o melhor» (L. GUANELLA, *R SdC 1905*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 1190).

É importante que, precisamente tratando da obediência, tenha nascido esta página sobre o tema fundamental da sua espiritualidade.

– Não se trata de uma similitude, de uma imagem com fim didático, mas Pai-Filho é a terminologia que verdadeiramente exprime o fundo de como ele sente e do modo no qual quer exprimir a relação com o Senhor. E aqui cultiva este conceito por bem oito páginas.

– No Regulamento de 1910, há uma grande conformidade de inspiração com o texto de “*Vamos ao Pai*” e com aquele de “*Vamos ao monte da felicidade*” que são muito anteriores.

Depois de trinta anos tem a mesma doutrina, levada à maturidade de expressão!

A FIGURA DO PE. GUANELLA

Pe. Leonardo Mazzucchi

Pe. Leonardo Mazzucchi publicou nos nn. 98-99-100 de Charitas, em 1949, estes importantes Documentos, que aqui são transcritos com algumas adaptações para tornar mais fluente a sua leitura.

UM CORAÇÃO E UM ROSTO * **Para lembrança e para imitação**

Pe. Attilio Beria assim comenta este texto: *«Que comoção nestas cinco páginas! Talvez nunca antes a este nível. Páginas para o conhecimento do Fundador, da sua pessoa, dos seus traços também exteriores e, através destes, do seu íntimo: a pessoa, o rosto, os modos e o falar».*

O grande Agostinho vem pintado com um coração na mão: aquele coração que conseguiu vencer a sua inquietude e arrancá-lo do erro e do vício, para encher-se do amor de Deus, para assim poder e dever oferecer e versar a sua exuberância benéfica sobre os irmãos desviados e corruptos e dolentes da família humana. Mas todos os Santos do Senhor, os únicos ricamente fornecidos e providos de verdade e de bondade, tiveram e têm o coração todo rico e fecundo de caridade divina, à semelhança de Paulo, cujo coração era o Coração mesmo de Cristo.

* Charitas n. 98, pp. 1-5.

Que coisa quis-nos revelar o Pe. Luís, nosso Pai, quando no círculo restrito de poucos seus discípulos quis um dia advertir-nos, com um triste sorriso sobre os lábios, que o seu coração não tinha sido entendido nem fora de casa e, talvez, nem sequer dentro?

Quem conseguiu compreender o coração grande do Pe. Guanella, de modo a deixar-se influenciar completamente por ele?

O Senhor dera ao Pe. Guanella um coração grande, educando-o e formando-o desde os primeiros anos da sua juventude:

- tornou-o capaz de contemplar a beleza da natureza do seu vale, com os seus cândidos cumes, com as suas torrentes, com os seus pastos... que no pequeno Luís tornava-se oração de admiração e que, também em seguida, evocava com afeto pelo Criador;

- conservou-lhe a inocência da graça batismal que não desapareceu nunca da sua alma e do seu rosto;

- manteve-o longe, na sua infância, dos discursos menos convenientes de certos seus companheiros;

- tornou-o forte, durante os anos da formação, no seu ideal do sacerdócio, quando outros seus companheiros foram tentados de alistar-se no exército de Garibaldi para participar das lutas para a independência da Itália;

- doou-lhe uma piedade ardente, alimentada pela Eucaristia, que o tornaram sensível a entender e a socorrer os sofrimentos do próximo.

Esta piedade tornava o seu animo capaz de avizinhar, nas suas férias de estudante, os jovens do seu povoado para afastá-los do mal com o divertimento útil e com o ensino da doutrina cristã; pronto a assistir nas suas casas os velhos doentes.

E mais tarde, ampliando o horizonte do seu desejo de bem, sonhava um mais vasto apostolado, até mesmo entre os longínquos infiéis.

Na espera, corria a Turim ao lado daquele grande apóstolo da juventude, como pareceu-lhe Dom Bosco.

Ainda no cuidado das almas, punha em ato toda forma de trabalho apostólico: da abundantíssima pregação popular à imprensa difundida com notáveis sacrifícios, à instrução do povo e especialmente da infância e da juventude, não calando nunca por interesse ou por timidez, mas dedicando a obra e a pena e a voz corajosa a defender, junto com o bem-estar moral e civil, a fé e a vida cristã do povo, insidiado por toda uma política contrária à Igreja e ao Papa.

E depois quanta angústia pelas incompreensões, os obstáculos, as esperas, que lhe impediam realizar aquilo que, já desde pequeno, percebera

como a missão de caridade indicada-lhe por Deus: na figura daquele velho digno de compaixão que a ele, menino fora da Igreja de Campodolcino, pedia um pequeno gesto de solidariedade e nas fileiras de necessitados que a Virgem Mãe da Providência indicava-lhe, naquele dia de fervor eucarístico, depois de ter recebido a sua primeira Comunhão.

E, finalmente, depois da busca sofrida dos caminhos da Providência, conseguia abrir uma série irrefreável de Casas para os pobres, onde teria ensinado aos seus discípulos, com o exemplo e a doutrina, a doar alegria e conforto a quem podia ter perdido a esperança.

À sua profunda confiança na assistência divina, soube unir as ternuras do seu coração para socorrer tantos adolescentes, que acompanhou com amor para entregá-los de novo à sociedade, munidos de vontade, de virtude e de capacidade para enfrentarem as dificuldades da vida.

Quantos os idosos que quis recolher do mundo e que soube compreender e compadecer (a não ser na obstinação no mal e na blasfêmia) para entregá-los ao Deus bom e misericordioso, no ocaso da sua vida terrena!

No manso sorriso do seu lamento, “*o meu coração não foi entendido*”, estava toda a sua convicção de ter dado todo o seu ser por amor de Deus e dos pobres, mas também a amargura por não ter encontrado correspondência, também de nós seus discípulos, no entender e secundar as suas iniciativas e os seus cuidados.

E quando, na tarde daquele 24 de outubro, antes de reclinar a sua cabeça no seu último respiro, reuniu-nos todos em pranto em redor de si e olhou-nos com afeto paterno, compreendemos como naquele seu olhar estava todo o seu coração. E nós conservamos memória perene daquele rosto que tinha reflexos de luz e de eternidade beata. Ele que “não se tinha nunca apegado a esta terra”, como ele escreveu um dia, agora gozava por alcançar a meta desejada, que assegurava também a nós e àqueles que o teriam seguido no futuro.

O selo austero da morte imprimia ao seu rosto uma serena e singular luminosidade que confortava e infundia confiança nos nossos corações, comovidos mais que dolorosos, pela sua morte.

Era a mesma luz que sempre iluminara o seu rosto nos encontros com todos e com cada um de nós.

Se às vezes atormentava-se ou manifestava os seus lamentos e as suas protestas ou defendia-se, não perdia a serenidade do espírito. E se, alguma vez, devia, contra a vontade, fazer alguma concessão não completamente conveniente, ou então mostrava um momento de impaciência exterior para

solicitar a sair da indolência e incitar os seus a um maior compromisso, notava-se nele um fundo constante e encorajador de bondade e de afeto.

Em qualquer lugar que comparecia, o Pe. Luís, reservando para si desgostos e amarguras, manifestava-se sempre com rosto bondoso que provocava uma alegria serena nos ânimos.

Na oração, seja quando dirigia o olhar para o Tabernáculo ou para a Hóstia Santo ou então o tivesse recolhido sob as pálpebras semicerradas, o seu rosto fazia-se luminoso e aceso.

O mesmo ardor e a mesma serenidade demonstrava nas viagens ferroviárias onde, quando estava só, debulhava os seus muitos Rosários ou iniciava com os companheiros de viagem discursos amáveis que resultavam eficazes e salutareos para as suas almas.

Às vezes, pela rua, ia de braços dados com uma pessoa que encontrava para levá-la, pouco a pouco, a propósitos de caridade e de piedade, introduzindo-a talvez numa Igreja vizinha.

Também alguns seus modos característicos de comportar-se o de chamar as pessoas eram acolhidos com benevolência: como por exemplo puxando levemente os cabelos a um amigo ou despenteando um pouco a cabeleira de um clérigo bem penteado, ou então dirigindo-se às suas Irmãs com o termo característico de “*martorelle*”, que Ele queria simples (aplicando-lhes o termo lombardo “*martur*”), mas também mártires (aplicando-lhes o termo grego-latino); ou então aos seus Servos da Caridade, chamando-lhes “*jumentinhos*”, porque queria-os pacientes e laboriosos.

Pe. Luís não excluía e não negava a ninguém o seu colóquio familiar, nem sequer a quem um tempo fora-lhe contrário.

O conforto era sempre o dom final da sua palavra e das mesmas suas “repreensões”, consoladoras as suas doutrinas ascéticas e a sua direção espiritual segundo os modelos – que propunha aos seus – de S. Francisco de Sales e de S. Afonso e do Frassinetti. Às vezes encarregava um amigo sacerdote ou um religioso de consolar um grupo de irmãs às quais antes creara bem em fazer alguma chamada severa ou alguma... “repreensão”.

Palavra, a sua, animadora de bem, nutrida de exemplos edificantes, rica de fé, fácil, clara, com a utilização didática de interrogações e de resumos nos catecismo e nos discurso familiares. Também em privado, a sua palavra frequentemente fazia-se agradável e temperada de expressões e gestos brincalhões.

Caridade singular em toda sua conversação, dirigida a salvar também nos adversários as boas intenções, intencionada a fazer amar a todos, mesmo se pecadores, tendo cuidado da devida reverência para com os supe-

riores, especialmente eclesiásticos, também quando devia, reservadamente, indicar os seus erros e prejuízos a respeito da Obra; fácil a desculpar as negligências de uma observância ou de uma regularidade de conduta da qual, no entanto, fazia questão; vigilante em não consentir que sobre algum irmão se fizesse cair, com uma dúvida infundada ou indiscreta, um juízo negativo difícil depois de esquecer.

Modos simples os seus por todo um costume pessoal de sinceridade, procurando não ostentar nunca méritos ou singularidades. A piedade viva e incandescente do seu espírito, a parte o respeito severo da liturgia sacra nas funções eclesiásticas, não tinha nunca atitudes exteriores estudadas, como por exemplo as mãos perfeitamente juntas ou posições singulares do corpo, mas com o olhar recolhido e absorto e com as mãos que, de forma externa, exprimiam confiança e confiança filiar, manifestava todo o seu abandono confiante em Deus. Ele, fiel aos jejuns da Igreja e da regra, escondia as penitências pessoais do cilício e do flagelo, vigilante no não concordar com as vaidades do mundo. Preferia a comida comum, suficiente, e recusava particularidades, também depois do jejum nas suas jornadas de viagem, passadas com um pouco de pão e água.

Evitava pôr em resalto as suas qualidades refinadas de inteligência e de alma e as distinções do estado e do seu cargo, acolhendo, ao invés, também amenamente, eventuais desprezos ou críticas de pessoas contrárias.

Se em casa e com os seus vestia de forma simples e às vezes transcurada, amava, porém, apresentar-se com propriedade da pessoa e dos hábitos, por quanto pobres e escassos. Na presença dos seus e às vezes também dos estranhos, manifestava a sua alegria com um sorriso breve, mas saboroso (algumas raras vezes até às lágrimas) para uma lembrança amena ou para um conto cômico; proibidas, todavia, sempre as expressões indecentes ou o uso profano de palavras sagradas!

Nos encontros devidos com pessoas de outro sexo, era sempre reservado até a não se deixar tocar a mão por quem pedia a sua benção.

Era de estatura regular, de constituição robusta, sob a cabeça, calva desde a idade juvenil, com uma coroa de cabelos encaracolados e avermelhados (“o vermelho de Valtellina, foi chamado nos inícios de Pianello”), com os olhos cinzas claros, que não fixava nunca sobre a pessoa a não ser quando – nos últimos anos – no seu caminhar lento e cansado, era saudado e tinha dificuldade – míope como era – em reconhecer quem tinha perto.

E caminhou sempre desde a sua juventude até a velhice: com passos (e quantos!) não rápidos mas contínuos, perseverantes, sobre as veredas de montanha da sua juventude ou pelas ruas e as numerosas escadas dos

prédios nas suas visitas de beneficência, para receber e... para dar, também nos últimos anos; por ruas geladas ou sob o sol quente, sobre os trens, sobre o mar, quase sempre com o único testemunho e proteção do Anjo da Guarda e dos Santos do Paraíso que, com a Virgem Santíssima, invocava com grande fervor. O seu foi um caminhar insistente, em busca de bem para fazer nas humildes habitações dos pobres ou entre as ruínas de terremoto, ou de bem para receber de amigos altos e humildes: quanta estrada no caminho da santidade e naquela do Paraíso!

Ó coração grande do Pe. Luís! Torne-se também o nosso, como o teu, cheio de amor de Deus e de caridade para todos os irmãos!

Ó rosto benigno e sorridente! Olha-nos benévolo desde o Céu, até quando reencontrar-nos-emos!

UMA ESPIRITUALIDADE? *

Para um estudo e uma prática

Síntese da doutrina espiritual enucleada dos escritos, da vida, da tradição

Toda criatura humana, que tenha o dom de uma inteligência aberta e de um coração rico para o cumprimento da sua vocação ou missão sobre a terra, pode oferecer a quem a estuda e a segue um estímulo para a imitação. Isto deve dizer-se, com maior razão, daquelas personalidades espiritualmente dotadas e completas que são os santos do Senhor. Eles deixaram espaço para a atividade fecunda do amor de Deus, que fez amadurecer em plenitude as suas qualidades de natureza e de graça a serviço de Deus e do próximo. E assim tornaram-se animadores de grandes obras de bem e guias competentes e sábios de numerosos seguidores.

Também o nosso doce Pai, Pe. Luís Guanella, suscitador de instituições benéficas e pai de muitos discípulos, deve ser recordado e estudado, para que nos tornemos os devotos imitadores das suas virtudes e os fiéis seguidores do seu espírito, seja nos exemplos edificantes da sua vida operosa e virtuosa, seja também nos seus luminosos ensinamentos que nos deixou em herança.

* Charitas n. 99, pp. 1-10.

Este estudo deve ser para nós querido e assíduo, haurindo das genuínas lembranças de quantos, já poucos supérstites, ouviram-no e conversaram com Ele e dos seus escritos preciosos: os muitos opúsculos e artigos dirigidos ao público e os Regulamentos e as cartas privadas destinadas sobretudo aos seus...

O chamado seja para todos eficaz e persuasivo convite e estímulo para um verdadeiro e grande proveito.

Na primeira extensa biografia, escrita mais de trinta anos atrás, não obstante a pressa imposta pela necessidade de dar início ao processo canônico para a sua beatificação, conseguiu-se perfilar com suficiente completude e boa documentação o pensamento e o espírito do Pe. Luís, nosso Pai. Um trabalho de primeiro lance, que mereceria ser melhorado e completado... porque existem abundantes elementos que poderiam ainda ilustrar melhor a sua figura.

Evocando quanto podemos lembrar das suas atividades pastorais e relendo os seus escritos, podemos ter um quadro dos seus programas e das suas idéias, que ainda hoje são de atualidade para nós.

- 1) O seu ministério espiritual feito sempre mais eficiente com todas as iniciativas possíveis de pregação e de abundante instrução religiosa.
- 2) A sua atenção pelas diversas categorias de pessoas, especialmente as crianças e a juventude.
- 3) As escolas noturnas para o povo humilde, do qual não só defendia corajosamente a fé, mas para o qual estudava a solução dos vários problemas agrícolas e sociais.
- 4) A boa imprensa, gratuitamente difundida.
- 5) A catolicidade do seu zelo, que o impelia a ocupar-se das vicissitudes históricas e atuais da Igreja, preocupando-se, em todas as formas a ele possíveis, dos destinos do cristianismo no mundo também infiel.
- 6) No organizar as suas Casas de caridade, nada lhe escapava de quanto considerava útil para obter frutos de bem em favor dos seus hóspedes, para os quais queria:
 - uma cuidadosa instrução catequética, dada com métodos ativos de ensino, uma sólida formação moral e espiritual, reforçada pela freqüência dos Sacramentos e pela beleza dos ritos e dos cantos sacros;
 - a preparação dos jovens para que no futuro exercitassem um trabalho honesto e vivessem uma fé praticada com convicção;

- a fuga do ócio; também aos seus velhos oferecia formas de atividades vantajosas para tornar menos aborrecidas as suas jornadas;
- o recurso também às sugestões e às indicações da ciência para ajudar a também indispensável prática no intento de dar, com a assistência, o melhor desenvolvimento à inteligência e à sensibilidade dos deficientes de mente.

Sabe-se quanto importava ao nosso Fundador uma inspiração toda de amor, animada pela fé, seja no ministério das alma seja na convivência familiar, seja na educação da juvenil, que experimentara com Dom Bosco, do qual fizera-se discípulo afeiçoadíssimo ele mesmo e cuja escola indicou-nos expressamente de seguir.

O nosso Pe. Luís, se não foi um iniciador, desde a sua jovem idade fornecido de impulsos naturais e rico de experiências pessoais, sentiu e mostrou a necessidade, contra diversos funestos costumes que ele deplorava seja na educação familiar seja na disciplina do colégio e do seminário, de avizinhar com a doçura dos modos e a persuasão do espírito os pequeninos e os jovens, que queria que se encorajassem sempre e não se desmoralizassem nunca.

Ele lembrava-nos frequentemente os ensinamentos de S. João Bosco:

- percorre o caminho da virtude e da piedade com filial espontaneidade e confiança no Senhor; S. Francisco de Sales era o seu mestre de espírito;
- vive na pureza e no amor de Deus, (seu mestre era S. Felipe Neri) e mantém-te sereno e alegre na fé cristã e nas virtudes humanas.

Condenava os rigores excessivos, que considerava fruto de um caráter não domado pela disciplina do espírito, lembrando que todos, também os mais fracos, são filhos do Senhor e redimidos por Jesus Cristo e irmãos nossos, e que, diante de Deus, muitas vezes não são culpados daquelas faltas que nós gostaríamos de punir severamente: faltas na maior parte das vezes causadas pelo abandono, portanto, merecedoras de bondade e de paciência.

Pe. Luís pertence a uma escola moderna de pedagogia, da qual foi e é chefe Dom Bosco. Seria, portanto, interessante fazer um estudo sobre a sua notável e querida qualidade de educador.

Dos elementos teológicos, psicológicos que conhecemos e que já outras vezes foram indicados, temos o dever de extrair as normas de uma nossa pedagogia sadiamente educativa, para realizá-las e fazer com que

sejam realizadas, evitando pessoais e arbitrárias concepções e aplicações. É isso que nós chamamos “**metodo preventivo**” baseado na sua rica espiritualidade.

Existe, e pode-se, portanto, estudá-la, uma espiritualidade do Pe. Luís Guanella?

Nestes tempos, nos quais se estudaram várias espiritualidades (para nomear as mais conhecidas, a beneditina - a franciscana - a inaciana - a carmelita - a salesiana, a vicentiana e a afonsiana - muito popular como deve ser a nossa), houve alguma personalidade e mais de um escritor notável que prometeu tratar dela usando documentos que nós possuímos e convidou a nós mesmos a escrever uma a respeito do Pe. Luís Guanella. O projeto e o convite, ainda que não fácil, lisonjeou-nos. Espírito eleito chamado às cimas da santidade e, tendo-se feito sábio diretor de almas no caminho espiritual, ele certamente, no trabalho de santificação sua e alheia, teve um ideal, um compromisso, um caminho, um método. Pode-se reconhecer e traçar os elementos originais ou pessoais de uma sua espiritualidade?

Para elaborar o tema atraente seria requerido tanto uma conveniente cultura ascética, doutrinal e histórica, quanto um estudo diligente da vida pessoal e da operosidade apostólica dele, como dos escritos que nos deixou.

Aqui baste algum aceno rápido e não aprofundado (cf. também os nn. 20-27-30-47-49-52-56-65-69-76-77-78-79-80 do *Charitas*).

O Pe. Luís, desde pequeno, manifestou um instinto nativo de inocência e de pureza, à imitação dos exemplos familiares de piedade e de caridade.

Tinha uma alma levada a desabafar, na oração solitária e contemplativa, as suas atrativas de amor divino, para reservar depois os seus ardores caritativos e apostólicos em benefício ideal dos pobres.

O Senhor guiava-o com premonições de um futuro pleno de caridade e de zelo:

- a visão do velho piedoso, nos umbrais da igreja paroquial de Campodolcino;
- a indicação de uma fileira de necessitados que lhe fora recomendado pela Virgem em Gualdera;
- a sopa preparada com terra e água com a sua irmã Catarina;
- o repetir em casa e fora quanto ouvira na pregação na igreja.

O seu ideal precoce e constante foi o **Sacerdócio**, para o qual preparou-se com uma vida de piedade convicta. São prova os seus cuidados ca-

racterísticos entre os discípulos e com os pequenos amigos do Colégio e no Seminário, como nas férias. Com o sacrifício: são as provas da saúde e da rígida disciplina do seminário ou aquelas do rigor invernal ou das frequentes e diuturnas doenças, como as amigdalites e as dores permanentes de cabeça; com o compromisso constante no estudo continuado nas férias de verão como também ao lado dos seus doentes.

Talvez, nos seus anos juvenis, não tinha ainda precisos e claros os lineamentos futuros do seu Sacerdócio, mas a sua caridade ardente não lhe consentia restringir o seu ideal nos confins de uma igreja do povoado, e, portanto, interessava-se a outros úteis conhecimentos que lhe teriam servido para ajudar o seu povo: das pesquisas botânicas, à assistência de enfermagem, ao ensinamento catequético e aos problemas agrícolas e sociais.

Depois do êxtase da sua primeira Missa, no longo período de busca no que teve que enfrentar não poucas dificuldades para realizar a sua vocação pessoal, dedicou-se a uma multiforme atividade pastoral: frequente pregação, composição de pequenas obras e opúsculos ascéticos que difundia com generosidade, direção espiritual, promoção das vocações religiosas, oratórios e escolas noturnas...

Os três anos passados em Turim, com Dom Bosco, foram determinantes para o seu futuro.

Mas o segredo que sustentava e alimentava o seu ânimo naquela espera foi o seu vivíssimo espírito de oração e o espírito ardente de mortificação e de obediência.

Os frutos manifestos daquela intensidade de vida interior são a sua perseverança no trabalho e a busca constante da vontade de Deus, o seu correr a aliviar as necessidades do próximo, o freio do seu caráter exuberante e veemente, ao qual deixava livre caminho somente quando se tratava de defender a honra de Deus ultrajado pela blasfêmia ou pelo escândalo ou pela perseguição sectária contra a Igreja e o Papa.

Ressaltam nele algumas características pessoais da sua espiritualidade:

- Uma humildade e simplicidade que escapavam de toda aparência exterior, que sabia esconder penitências e jejuns e que o tornavam afável e atento às pessoas que encontrava ou com as quais conversava.
- Uma piedade sem ostentação.

Sabemos quanto o Pe. Luís amavelmente conversasse com os Santos do Paraíso e falasse disso frequentemente em forma atraente. Ricos de advertências os seus discursos e os seus opúsculos, apresentando a história

da Igreja em forma popular em “*De Adão a Pio IX*” ou em “*As glórias do Pontificado*”, com as vicissitudes de luta e de triunfo da Igreja. Simples e gostosa a apresentação de algumas figuras de santos que particularmente amava, como São Francisco de Assis, ou venerados na sua terra, como São Abúndio, São Agripino, São Roque, o Beato André de Peschiera, São Carlos Borromeu e São Jerônimo Miani.

Ele procurava, falando e escrevendo, torná-los queridos ou pelas benemerências públicas ou pela amabilidade pessoal, até nomeá-los sem o título canônico da santidade, não para diminuir a grandeza da sua virtude ou negar o prestígio do reconhecimento litúrgico, mas para fazê-los sentir ao nosso lado como benévolos amigos e nossos familiares. Propunha-os para indicá-los à nossa imitação como exemplos, fáceis e à mão, de virtudes cristãs que ele declarava serem freqüentes nas populações religiosas; “flores de virtude cristã, como: a sua irmã Catarina, Irmã Anna Succetti de Savogno, o paciente velho Raimundo Masanti de Pianello e o inocente jovem Alessandrino Mazzucchi, além de várias suas religiosas, como a Irmã Clara Bosatta, Irmã Ermínia Bosatta e Irmã Madalena Granzella e outras.

No opúsculo “*O Montanhês*” dirigia-se com expressões singulares de fé e de ternura às suas populações, para encorajá-las a recordarem os pais da sua fé e do seu bem-estar temporal e a conservarem a sua religiosidade: «Salve! Tu és filho dos santos: alegra-te. Olha o rosto das figuras venerandas dos teus pais, os apóstolos que te regeneraram para a vida da graça, e goza como filho no colo do pai bom. Bom montanhês, eu te abraço com todo o coração. Sinto por ti tal afeto que é, em confronto de qualquer outro, todo especial e superior. Dos montes nos quais vives, tu contemplas mais de perto o beato Paraíso. O profundo dos teus vales é sagrado; porque no retiro da solidão aprende-se a melhor amar o Senhor, a querer mais bem ao próximo...» (L. GUANELLA, *O Montanhês*, Opera Omnia, Vol. III, pp. 987-988).

Sabia aproximar-se com delicada caridade de toda alma, mesmo longínqua, para atraí-la a viver filialmente na graça do Senhor e a reconciliar-se com Deus.

E dirigia depois, com doçura e energia, muitas almas chamadas à perfeição do amor de Deus, não temendo propor a sabedoria espiritual de S. Teresa de Ávila ou os ímpetos seráficos de S. Francisco de Assis, estimulando-as a subirem muito alto para depois gastarem-se nas obras de caridade e conduzindo-as a níveis altíssimos de virtude que, depois da morte, indicava como exemplo para imitar.

Tudo este ardor de bem no levar as almas ao serviço e ao amor de Deus, que animava toda a sua atividade espiritual e que transmitia com a

sua palavra e nos seus escritos, ele verteu depois em benefício das Congregações religiosas por ele instituídas e iniciadas.

Evidentemente, ele considerava as Congregações religiosas oásis de caridade «hortas nas quais mais facilmente cultivam-se e crescem as plantas da santidade cristã» (L. GUANELLA, *R int. FsC 1899*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 976), lugares de oração e de fraternidade, nos quais as pessoas podiam, longe do mundo, dedicarem-se a fazer tanto bem no mundo, imitando mais de perto o Senhor Jesus.

Mais larga e profunda pegada deixou nas Irmãs, seja porque mais naturalmente inclinadas à piedade e à caridade, seja porque por muito maior tempo pôde ocupar-se desta sua primeira instituição. Com o resultado conhecido de muitas Religiosas, agora falecidas, das quais permanece viva a lembrança da sua firme, humilde, operosa e ardente santidade. E quantas disputaram entre si no oferecer generosas a sua vida pelo Senhor e pelos pobres. A elas dirigia as suas inimitáveis conferências e alguns importantes opúsculos, como “O Fundamento”, além de verter o seu pensamento e a sua espiritualidade nos vários Regulamentos.

Também para os Servos da Caridade, que antes quisera chamar Filhos de S. Coração, para que haurissem das fontes inexauríveis da caridade do Coração Divino, não se cansou de transmitir o seu espírito e de indicar metas de grande espiritualidade, como ao ainda jovem Alessandrino Mazzucchi e ao benemérito Ir. Pedro Osmetti. Particularmente no último Regulamento, que nos presenteou em 1910 e para nós tão querido e precioso, ele quis como resumir todo o seu ideal de Servo da Caridade. Mesmo não escondendo a cima sonhada e almejada e insistindo sem fraquezas sobre a substância irrenunciável de uma interioridade e de uma observância exemplar feita de fadiga e de sacrifício, ele tinha em conta também a menor ou maior capacidade e iluminação de um ou de outro dos seus chamados.

Este Regulamento, na sua redação simples e clara, juntamente com a consideração do nível e do grau no qual cada coirmão encontrava-se no seu caminho espiritual, traça e estimula para um caminho de alta espiritualidade. Nele insiste-se não só sobre a necessária prioridade da vida interior diante da atividade exterior, mas também sobre a atenção e o compromisso a progredir cada dia na observância dos votos, proposto de forma prática como um caminho por graus sucessivos: a pobreza unida a uma grande confiança na Providência, a excelência singular da castidade, para conservar imaculada desde o Batismo, como a sua, ou para conquistar firmemente depois das caídas do passado, o valor máximo da obediência na sua positiva motivação de amor filial por Deus e de espontânea ge-

nerosidade do coração, a importância indispensável das várias práticas de mortificação.

Referindo-se depois à atmosfera de piedade na qual a alma religiosa deve respirar para viver viçosamente e para encontrar os recursos necessários para os seus progressos interiores e para o apostolado externo, com quais belíssimas e claríssimas expressões apresentava a oração confiante do coração e a meditação santa – mais afetiva do que especulativa – e a devoção à Eucaristia!

No seu belíssimo opúsculo “*Vamos ao Pai!*” – comentário fácil ao “Pai-nosso” –, que ele escrevera para todas as almas fiéis em Traona e no outro também belo comentário às Bem-aventuranças evangélicas “*Vamos ao monte da felicidade*”, o nosso doce Pai começava com esta terna semelhança, repetida depois freqüentemente ao falar-nos e escrever para nós: «Tu vens para reencontrar o celeste Pai. Vem. Vem! Ó como são belos os teus passos! E o teu Pai quanto gozará quando O encontrares! Apressa-te e, no entanto, grita como o filhote da andorinha para fazer-te entender melhor, geme como uma pomba piedosa, para que o Genitor corra a encontrar-te. – O filho da andorinha grita e o da pomba geme mais porque sabem que para chamar a mãe o único meio são os lamentos e o pranto. – Assim faz o mesmo a criança. Tu mesmo lembras quando criança chamavas: – pai! Pai! E quando suspirando gritavas – pão, pão! – O pai solícito apressava-se para ti, repletava-te de carícias e enchia-te as mãos de dons. Argumenta também tu assim: se o genitor da andorinha e da pomba e ainda mais o pai do filho menino derretem-se de afeto, quanto mais solícito mover-se-á para ti o celeste Pai? Prova a gritar como faz o filhote da andorinha, a gemer, ou seja, a meditar como a pomba e verás...» (L. GUANELLA, *Vamos ao Pai*, Opera Omnia, Vol. III, p. 108).

A meditação é um compromisso, dever e graça de cada dia para bem viver e para estar unidos ao Senhor. Advertia o Pe. Luís: «Quem por preguiça transcura a santa meditação, deve temer pela própria vocação e pela ajuda da graça divina», depois de ter declarado que é preciso «escolher um argumento de verdade santa e depois pedir ao Senhor que o possa bem compreender». E acrescentava: «Ocorre imergir-se na verdade que se quer penetrar, e nadar nela como o peixe na água, e refletir-se dentro como num espelho e, com a ajuda divina, ficar iluminados, aquecidos, restabelecidos como o mendigo no calor de um belo sol primaveril...» (L. GUANELLA, *R int. FsC 1899*, Opera Omnia, Vol. IV, pp. 1008-1009).

O dia começa, como para a aurora, no Altar da santa Missa para uma “celebração santa” e com a santa Comunhão, de modo que sejamos «co-

mo a abelha industriosa que se envolve na corola da flor para chupar o seu gostosíssimo néctar e convertê-lo no próprio estômago em mel refinado de piedade e de devoção». E o dia termina no altar do santo Tabernáculo toda noite, para que, «como os filhos cristãos fazem-se abençoar pelos pios genitores antes que se abandonem ao sono, assim o Pai celeste abençoe-nos em espera da bênção que Jesus Cristo dará aos seus eleitos no último dia» (L. GUANELLA, *R. SdC 1910*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 1296).

Também a nossa espiritualidade, como praticou-a e no-la quis indicar o Pe. Luís, Fundador e Pai nosso, requer:

- 1) ser toda inspirada por um senso vivo de filial abandono e confiança inabalável no Pai celeste, tão amavelmente sorridente na bela natureza que nos circunda, tão exuberante de bondade misericordiosa nos dons inumeráveis da sua graça, que brotam do Coração de Cristo, padrão e modelo nosso e por mediação da doce amabilidade da nossa Mãe do Céu;
- 2) aderir com dócil obediência a todas as verdades e às graças da Fé, guardadas e presenteadas a nós pela santa mãe Igreja e ao augusto Pontífice de Roma, infalível Mestre e indefectível Pastor;
- 3) assegurar-nos o alimento indispensável da Eucaristia cotidiana;
- 4) considerar a bondade irresistível de Deus a fonte da nossa piedade confiante e da nossa capacidade de aliviar os cansados e de socorrer os necessitados;
- 5) manter longe de todo nosso exercício de piedade ainda que fervorosa e devota e de toda nossa atitude com o próximo toda singularidade ou exterioridade, que não seja aquela do dever e da exemplaridade regular;
- 6) no exercício da nossa atividade educativa, assistencial e ministerial, fazer com que a nossa caridade una sempre entre si os corações e saiba elevá-los a Deus. Este é o supremo mandato que nos deixou nosso Senhor, para que todos sejam filhos de Deus e irmãos de Jesus, nosso Salvador. Com o nosso amor aos dependentes, aos sofredores, aos necessitados de ajuda material ou espiritual, aos nossos irmãos no Sacerdócio, de cuja ajuda, declarava o Pe. Guanella, vieram-lhe certas bênçãos, nós temos a possibilidade de absolver em parte o imenso crédito de amor de Jesus a nosso respeito.

Programa de toda vida cristã, de toda vida religiosa, de toda nossa vida, seguindo o exemplo e a indicação do Fundador, seja o “rezar e padecer”.

Um padecer que nos torne sempre mais semelhantes a Jesus bendito e faça com que todos os sofrimentos inevitáveis e obrigatórios da nossa condição humana: a vida comunitária, a obrigatória vigilância e guarda do coração e dos sentidos, o cumprimento de todo dever do nosso ofício e a realização das nossas possibilidades de bem, a observância das leis divinas e eclesiásticas de abstinência e de temperança e daquelas próprias da nossa vida religiosa, tornem-se o meio do nosso progresso espiritual e o tesouro dos nossos méritos e o capital da nossa glória.

Um rezar que assegure luzes à mente e ardores à vontade na tarefa de caminhar passo a passo pelos caminhos de Deus e torne-nos familiar, já desde esta vida, a conversação com o Pai celeste.

Ó doce e querido Pai, Pe. Luís Guanella, que nos ofereceste e entregaste todos ao Coração divino e nos consagraste também como filhos de graça e de amor ao Coração Imaculado de Maria, doando-a a nós como Mãe da Providência e Rainha da Paz, ajuda-nos sempre e preencher o nosso coração de amor divino e a torná-lo precioso de pobreza e de pureza, de obediência santa para que com isto alegrem-se os irmãos, edifiquem-se as almas e todos nos alegremos e nos salvemos dentro do Reino de Jesus Bendito!

O PENSAMENTO *

A este número serve como complemento a cronologia revista e melhorada, transcrita no Charitas n. 103

Escreve o Pe. Mazzucchi:

Devo reconhecer que tive uma singular graça do Senhor por ter-me feito viver, desde o alvorecer da minha pobre existência, mais ou menos ao lado do Pe. Luís Guanella, num conjunto inesquecível de relações pessoais e com a minha família. Pude gozar assim da sua paterna amizade, da sua guia, dos seus conselhos e da sua confidência a meu respeito, confian-

* Charitas n. 100, pp. 4-6.

do-me também encargos importantes. Pude assistir à sua última doença, à sua sofrida agonia e ao trânsito beato do querido Pe. Luís, nosso Pai.

Tendo-me confiado a redação do Boletim “*A Divina Providência*” pude assim logo contar quase cada hora daqueles dias e iniciar as práticas para o reconhecimento da heroicidade das suas virtude.

Como se sabe, não se perdeu tempo no iniciar e continuar os processos do santo Fundador. Mas só em 1942 conseguiu-se concluir os processos apostólicos, por causa de algumas dificuldades nos interrogatórios, devidas à explicável imperícia dos membros do Tribunal. Se não fosse depois sucedido o atraso de outras vicissitudes incômodas, independentes das virtudes luminosas do Servo de Deus, ter-se-ia podido esperar o reconhecimento da Venerabilidade no ano centenário do nascimento e talvez a mesma Beatificação no ano Santo.

Agora não nos resta que esperar numa retomada da Sagrada Congregação dos Ritos para chegar à Venerabilidade e, obtido isto, ao reconhecimento dos milagres e à proclamação de Beato dentro de poucos anos.

No entanto não se deixe, por parte de cada um, de tornar familiar a sua figura e o seu pensamento e, sobretudo, de seguir o seu espírito.

Ele deixou-nos em herança os sentimentos do seu ânimo e os testemunhos da sua fé nos *numerosos opúsculos* que, não obstante o seu caráter hagiográfico, catequético, homilético, histórico e ascético, revelam-nos o seu pensamento espiritual e moral e que ultimamente quisemos publicar, em edição popular que, no devido tempo, poderia ser aperfeiçoada. São leituras simples e eficazes, mas certas páginas resultam altamente instrutivas e profundamente sapiêntes e, na sua facilidade de pensamento e de expressão, dão-nos a possibilidade de admirar a mente e o coração de um santo. Ele mesmo recomendou-nos, pessoalmente e por escrito, de fazer deles leitura espiritual, especialmente de “*O Fundamento*”, que me entregara para cuidar de uma sua nova edição para uso e vantagem dos Servos da Caridade.

Nos seus últimos anos ditou-nos as suas memórias pessoais, que recolhemos em dois fascículos manuscritos, revistos por Ele mesmo, com a intenção exclusiva de exaltar “*Os caminhos da Providência*” para a nossa Instituição e para seguir fielmente os seus passos.

Também no Boletim “*A Divina Providência*”, que nos primeiros anos cuidou pessoalmente e depois confiou, por uns dez anos, à exímia colaboradora Madalena Albini Crosta, podemos conhecer a sua ânsia de bem no fazer conhecer e difundir a caridade das suas obras. Em seguida, quando a redação foi confiada ao Mons. Bacciarini, por dois anos e depois a mim pessoalmente, procurou-se sempre de recolher as lembranças

das pessoas que lhe estiveram vizinhas nas suas viagens na Itália e nos Estados Unidos.

Temos depois uma boa coleção das suas *Cartas* que, no devido tempo, poder-se-iam utilmente publicar, com oportunas notas sobre as pessoas e os lugares nelas citados.

E, por último, os vários e preciosos *Regulamentos*.

Nada seja perdido, pela nossa mente e o nosso coração, do tesouro de pensamento, de orientações, de recomendações e de exemplos do santo e doce Pai e Mestre.

A grade figura do Pe. Luís pode oferecer muito material para ulteriores estudos das suas virtudes e do seu espírito, e fazemos votos que com o expandir-se da sua obra e com a difusão do seu pensamento, possa-se sempre mais amá-lo e imitá-lo.

Diante do seu sepulcro, cresça em nós a ânsia pela sua glorificação, para obter-se com a nossa santidade de vida e com o compromisso a desenvolver as nossas instituições caritativas.

Haja da nossa parte um propósito renovado, um compromisso solene:

- a conhecer e imitar as suas virtude, pessoalmente e nas nossas Comunidades;
- a observar com fervorosa diligência e exatidão todas as santas Regras, seja aquelas que concernem à piedade e a caridade, a exemplaridade esplendente e a pureza da vida e pobreza pessoal e comum, seja aquelas mais práticas pelo bom andamento das nossas Casas: as disposições dos conselhos de casa, o envio das atas, das perguntas e das relações, dos certificados vários, dos controlos financeiros locais e gerais, que favorecem a ordenada organização do Instituto, em espírito de edificante obediência.

O Senhor abençoará desde o Alto, tornando felizes os nossos corações, enviando-nos boas e santas vocações de clérigos e de Irmão leigos, e nos fará gozar da estima das Autoridades, dos cooperadores e dos fiéis, com a nossa vida humilde, laboriosa e fecunda de Servos da Caridade, filhos dignos do Pe. Guanella.

Obteremos estes favores se, seguindo o exemplo do Pai, teremos como fonte e alma o culto profundo da Eucaristia que dispensaremos abundantemente como para o pão material, celebraremos com devoção e adoraremos com fervor no santo tabernáculo!

SÍNTESE SOBRE A ESPIRITUALIDADE DO PE. GUANELLA

Pe. Leonardo Mazzucchi

Pe. Leonardo Mazzucchi, em alguns número de Charitas (n. 19, pp. 13-14; n. 36, pp. 7-9; n. 86, pp. 28-30) indica uma série de elementos característicos da espiritualidade do Pe. Guanella, que fazem parte do patrimônio espiritual da Congregação.

Além de elencá-los, ele se dirige aos coirmãos, com uma linguagem calorosa e direta, para que procurem vivê-los com a mesma paixão do Fundador. Quis-se aqui recolhê-los num único texto, haurindo dos textos originais em forma livre e também adaptando-os, para evitar repetições.

Quis-se também conservar o caráter exortativo, com o qual o Pe. Leonardo dirige-se aos coirmãos, também onde ele não o usou, para uniformar melhor o texto.

«O fim geral da Congregação e aquele especial tanto mais facilmente alcançaremos, quanto mais cuidadosamente procuraremos ter presentes no nosso ânimo e transfundir na prática de cada dia e transmitir, antes com o exemplo do que com o ensinamento, aqueles endereços, que em herança de espírito o Pe. Luís, nosso Pai, deixou-nos na lembrança inesquecível das recomendações insistentes e da sua vida luminosa».

«É sabido: todo Instituto, que esqueça o seu fim e abandone o seu espírito, decai».

«Já que conhece-o e repete-o frequentemente quando falas e escreves exaltando o santo Fundador, procura manter sempre vivo na mente e no coração aquele “rezar e padecer” que ele inteiramente viveu e deixou, morrendo, ao seus em lembrança inesquecível, para que consigas fazer dele uma prática cotidiana, se desijas e propõe-te seguir os seus passos benditos até a meta santa como Religioso exemplar e digno Servo da Caridade».

I. Caminha na presença de Deus, olhando para Ele com amor de filho

1. Tenha atenção em estar e caminhar na presença de Deus, olhando para ele com amor de filho, pensando e comprometendo-te a fazer toda coisa e a mover todo teu passo sob o seu olhar benévolo. Escuta e conserva no coração as palavras de conselho e de admoestação, chamando-o frequentemente com a invocação ardente. Se assim olhas e escutas e conversas com o teu Senhor, será para ti fácil e frutuoso o rezar: Pai! Pai!

Como o peixe move-se a impulsos nas suas águas, como o pássaro voa livre no ar, sente e goza e aproveita de viver intimamente unido com o teu Senhor que vive contigo, em ti, para ti.

Se assim olhas e suplicas a Deus, pródigo e bom como o único dos pais, manter-te-ás tranquilo e confiante em todo evento da tua vida e de toda tua jornada, porque estás certo que Ele pode e quer dispor tudo em favor do filho que se mantém dileto para Ele.

II. Com grande confiança na Providência

1. Tem sempre uma confiança inabalável e serena na assistência do Senhor; confiança não separada do dever de servir-te, ainda que sem uma exagerada publicidade, de todos os teus recursos pessoais e de cooperação por parte dos benfeitores. O Pe. Luís dizia que se faz um grande bem também aos ricos quando pede-se-lhes de virem em ajuda dos pobres.

Colabora-se com a Providência também cuidando da boa administração da casa, com espírito de pobreza religiosa. A confiança vai depois unida com o trabalho assíduo e com os sacrifícios requeridos pelo exercício da caridade, se é verdade, assim diz-nos o nosso Fundador, que para fazer o bem ocorre subir o Calvário.

O Pe. Luís deixou-nos um tesouro de normas económico-morais, espalhadas aqui e acolá, que seria bom recolher juntas num opúsculo. A Providência merece-se:

- rezando-lhe com o nosso Terço, que devemos guardar como prática característica nossa;
- com o administrar bem o património dos pobres;
- com o colocar as mãos sem temor numa obra necessária de caridade, apenas se tem um mínimo de meios;
- com o preferir nas aceitações os mais abandonados;

- com o ter um certo número de pobres, alimentando com os fundos da Providência do Pai celeste, também naquelas Casas onde, eventualmente, fossem internadas, por uma caridade espiritual, categorias de pessoas que retribuem com suficiência;
- com o não nos constituirmos rendas fixas;
- com o não nos desanimarmos nas graves dificuldades, tanto morais como financeiras, dispostos a enfrentar um verdadeiro martírio ao mesmo tempo de pobreza e de caridade;
- com o manter longe, além da desconfiança das ajudas divinas, a culpa manifesta que afasta o Senhor da Casa.

2. Habitua-te a contemplar a beleza e a providência de Deus nas maravilhas que tu observas na criação ou nas descobertas da ciência, assim elevar-te-ás a Deus, lendo o seu nome escrito com letras incandescentes no livro da natureza.

Entoa na tua vida o cântico da Providência, da qual não te deves desconfiar nunca e que deves amar como mãe diletta. Vivendo nós em muita pobreza para tudo dar aos outros, não faltará nunca o pão doce que vem das mãos do Senhor pródigo.

III. Alimentando com a oração fervorosa a tua piedade: “Rezar”

Favorece a tua união com Deus e alimenta a tua piedade com:

- A meditação;
- A leitura espiritual;
- A confissão semanal;
- Os exercícios espirituais anuais;
- O ofício divino cotidiano.

Oferece ao teu Senhor – o Pai bom e celeste – a primeira bela saudação do novo dia e aquele da noite com as queridas preces matutinas e noturnas...; sê devoto como filho terníssimo da Mãe pia e santa, Nossa Senhora querida da Providência; com S. José recomendarás a tua alma e aquelas dos moribundos...

Será tua alegria saber-te inebriar da beleza e da suavidade do Coração de Deus, para que tu sejas desejoso e resoluto de guardar a pureza na mente, no coração, nos olhos, em todo o teu corpo.

Detém-te a considerar a santidade e a generosidade de Deus e adquirirás aos poucos aquela humildade de mente e de coração da qual tens o atraente modelo no Coração divino... verás a necessidade e o dever de reconhecer facilmente os teus erros e defeitos; guardar-te-ás de desprezar e mostrar pouca estima e não desculpar o teu próximo; mais facilmente serás disposto a fazer a vontade do Senhor e a viver na infalível via mestra da obediência.

A S. Eucaristia seja para ti centro de todo culto e alma de piedade e fonte de caridade, e faz que o seja para as almas: o sol da terra, a vida do mundo, o verdadeiro Paraíso na terra para quantos firmemente crêem.

A tua piedade tenha um caráter profundamente eucarístico, seguindo o exemplo do Fundador, que procurava avidamente assistir a todas as Santas Missas que podia. Ele queria que o celebrante se preparasse para a celebração da S. Missa com uma cuidadosa preparação e com o agradecimento, feito sob os olhos dos fiéis, e que se recitasse o Ofício divino diante do S. Tabernáculo. Devem-se privilegiar frequentes e rápidas Visitas ao Santíssimo: “o nosso Paraíso na terra” e “Patrão de casa”.

O Pão eucarístico seja largamente distribuído aos pequeninos, aos doentes, a todos.

No final de cada dia o Senhor, com a Bênção Eucarística noturna, como o piedoso pai abençoa e deseja aos seus filhos, antes que se abandonem ao sono, abençoar-te-á enquanto perdir-lhe-ás perdão e apresentar-lhe-ás e confiarás em oferta e em guarda as tuas obras e os teus padecimentos; e chegada a noite da jornada terrena, a Igreja Mãe, com as suas ternas orações e a graça dos Sacramentos, virá vizinho a aceitar e abençoar a imolação suprema da tua existência terrena e confiar-te à Maria bendita, que te conduzirá, Mãe querida e amável, a receber a bênção e o prêmio do Pai bom que está nos Céus.

IV. Reforçando a tua vida espiritual com o sacrifício: “Padecer”

Já que sabes que todo exercício de oração e de união com Deus é sacrifício de louvor e requer o sacrifício da tua vontade e dos teus sentidos, faz de toda tua oração uma oferta de mente e de vontade ao Senhor e faz de todo teu sofrimento uma oração bem aceita a Deus; recordando com o Santo Fundador que a oração é onipotente se vai unida com a mortificação, que é preciso oração e sacrifício para fazer amadurecer as obras de bem, que o fundamento das nossas Casas é indicado por quatro efes: fome, fumo, frio e fastios.

Já que o padecer é inevitável na vida aqui na terra, está tu contente de poder, seguindo as máximas evangélicas talvez até aqui esquecidas, tirar disto uma grande ajuda para o espírito, recordando, com o santo Fundador, que o bem não se pode fazer senão subindo o caminho fadigoso do Calvário.

Sobre o altar do Sacrifício, que tu cada dia imolas com o Sacerdote eterno, consagra uma outra Hóstia em ti mesmo, pondo nele, de boa vontade, todos os teus sofrimentos físicos, as tuas mortificações voluntárias, as doenças, os distúrbios de uma idade que declina, as tristezas do espírito, os lutos domésticos, ad desilusões...

V. Com o coração ardente de caridade para com o próximo

Arda o teu coração, inflamado por um incêndio de caridade e pelo desejo de fazer o bem; tenha sede de zelo da glória de Deus; espalha no mundo o bom exemplo de todo teu olhar e palavra e comportamento de ministro de caridade e de piedade.

Transformarás assim em oração a tua existência e o teu ministério de caridade para com os pobres, as crianças e a fileira piedosa dos velhos e dos doentes na mente e nos membros.

Tem generosidade de coração na acolhida hospitaleira para com as misérias mais abandonadas e os desamparados: ai de ti se passas os limites do nosso caráter! Assegura-te cuidadosamente a justa contribuição financeira de quem pode e deve dar, porque é justo que, para tutela daquela beneficência que os bons doam-nos e para vir em ajuda de quem é internado gratuitamente, quem há dê do seu.

Seja-nos de exemplo o nosso doce Pai que, já desde jovem, manifestava o seu desejo de bem para com as crianças e os doentes, fazendo prever em si o sacerdote incansável e irrequieto, muito operoso e empreendedor salvador de almas, inimigo da tranquilidade, desejoso de novas formas e amplidão de apostolado: pregação, associações, imprensa; suscitador de múltiplas iniciativas, tão dominado pelo desejo de fazer o bem às almas que, cada seu passo, pode-se dizer, e cada sua palavra eram como uma semente de bem que dava frutos também em pessoas longínquas da Igreja.

VI. Com zelo de apóstolo fervoroso e incansável

Se em cada teu irmão verá um filho de Deus, que o mesmo Deus tem no coração e que Jesus Cristo readquiriu com o seu sangue e foi-te dado

como companheiro aqui na terra no caminho rumo à pátria, para ele de-sejarás a salvação da alma e o verdadeiro bem da terra, e tu te farás o seu excelente esmoleiro espiritual e corporal; esforçar-te-ás em usar compreensão, compadecimento, doçura, caridade de salutare admoestações.

Instila e infunde e cultiva a piedade nas almas que te são confiadas, especialmente na nossa juventude.

Faz guerra assídua à ofensa de Deus e nos pecadores repara as culpas e vê sempre neles o rosto rasgado e desfigurado do Redentor divino, para curar as suas chagas com delicada e amorosa caridade.

VII. Com espírito de visões amplas, unido às atitudes de benevolência e misericórdia (sistema educativo) e a incansável laboriosidade

Sê sempre disposto à *misericórdia* para com o próximo:

- seja na direção dos espírito dentro dos confins do que a Igreja declara lícito e às almas torna salutar, com a pregação frequente e popular, com a facilidade e a frequência da Eucaristia;
- seja no governo disciplinar, salvando a mais vigilante severidade preventiva e repressiva contra o escândalo da linguagem blasfema e corruptora e contra a desonestidade contagiosa do costume.

O teu próximo sintá-se acolhido pela tua afetuosa e decorosa *compreensão*, que é atitude querida de humildade pessoal, expressão de amor pelos humildes, sugestão tanto apta a ganhar-te a confiança dos espírito para aliviá-los e fazer-lhes amar a virtude e aproximá-los de Deus.

Na disciplina use-se sempre o sapiente e eficaz *sistema preventivo*:

- que requer uma paciente e contínua vigilância dos nossos hóspedes e o domínio do próprio caráter, mantido superior e precavido de asperezas egoístas e de perigosas parcialidades e sensibilidades;
- que se alimenta de caridade sobrenatural e de piedade viva, instrução religiosa abundante e clara, S. Comunhão frequente;
- que assegura ao teu trabalho inesperados sucesso. «A penitência do deitar-nos cansados como se tivéssemos sido espancados».

Tenha um espírito e um ardor de incansável *laboriosidade*, que o Fundador recomendava insistentemente:

- em todas as tuas ocupações materiais e de assistência, todas espiritualizadas pela caridade;
- com uma assiduidade severa no *estudo*, seguindo o exemplo do Pe. Luís que, desde a juventude, deu à sua vasta cultura um endereço particularmente eclesiástico e ascético e de valor prático;
- com o cuidado cheio de boa vontade de formar o ânimo, com oportunos livros, para os princípios da vida religiosa.

Imita aquela *simplicidade* característica no Pe. Luís, que ele acompanhava com a prática de toda sua admirável virtude. Como ele, evita toda ostentação, fugindo de toda afetação não natural dos modos. Ele era tão reservado, que às vezes quem o avizinhava de modo esporádico fazia-se a idéia de um sacerdote de uma bondade e cultura e experiência muito ordinárias.

Ama o silêncio e favorece a solidão do coração, passando entre os homens fazendo o bem com a edificação, com a sobriedade e modéstia, com as obras de caridade, mas sempre com o coração dirigido a Deus. Faz-te guiar pelo espírito do Senhor para obedecer com prontidão às inspirações celestes, para amadurecer no ânimo as grandes e úteis empresas e fortificar-te, como o carvalho, nos teus bons propósitos, tendo fechada a portinha do coração para manter o calor necessário a cozinhar o pão cotidiano.

«Querido e doce Pai das nossas almas, acolhe e ajuda o nosso cotidiano propósito de fazer nosso este espírito: para que assim em nós tu possas distinguir com alegria as tuas feições e, então, abençoar-nos na vida e reunir-nos a ti na beata eternidade!».

O FIM DA CONGREGAÇÃO DOS SdC

Pe. Piero Pellegrini e Pe. Attilio Beria

Pe. PIERO PELLEGRINI

A vida do Pe. Guanella apresenta uma dinâmica intensa de obras e uma multidão de interesses e de desejos.

Parte de uma rica variedade de orientações:

- meninos - doentes - missão (como clérigo);
- juventude - escolas - bons filhos - vocações - imprensa e apostolado;
- uma impulsiva oferta em ajuda dos coléricos.

Passa pelas etapas de:

- Como;
- Milão;
- Roma, quando a obra institucionaliza-se, como diz-se agora.

Toca as pontas mais elevadas com:

- a proposta de um quarto voto para a assistência aos contagiosos (1897);
- as intervenções desejadas ou atuais para o terremoto de Reggio e Messiana, e aquele da Marsica (15 de agosto de 1915);
- o interesse pelos emigrantes (Vales da Suíça - América);
- a S. Cruzada para os moribundos.

Este espaçar sobre todos os mundos da necessidade, merece-lhe o título um pouco bizarro de “Garibaldi da caridade”, aventureiro da miséria, por amor.

* N. 5, Dezembro de 1974, de *Informazioni*.

Para falar adequadamente do Pe. Guanella, precisaria renunciar a reduzir num esquema a sua vida, tão intensa interior e exteriormente, com o perigo de limitá-la e empobrecê-la dos horizontes quase infinitos da sua caridade.

Precisaria perceber, sobretudo, no Pe. Guanella, o ânimo interior que não aceitou nunca freios ou limites e esperou e preparou com tenacidade a sua hora; depois examinar os vários pedidos que lhe foram oferecidos para concretizar e limitar aquele seu ideal sem confins, ainda que sem aquietá-lo nunca: «parar-se não se pode, até que existam misérias para socorrer...».

E precisaria, depois, tentar escrever o resultado, com poucas linhas, para inserir naquele programa de vida nossa, que é a Regra: concreto, mas estimulante, apto para as fracas forças da maioria, e excitante para aqueles espíritos mais generosos que Deus quisesse mandar à Congregação, seguindo a linha do Fundador.

Não é só questão de termos ou de regras formais. Trata-se da vida do Fundador, para avaliar com respeito e precisão, à qual acrescentar as experiências de vida dos seus primeiros coirmãos para entusiasmar todos a propósitos e projetos corajosos.

Um trabalho assim exigiria o estudo crítico de expertos.

Na espera, percorramos de novo, sobre os textos que todos temos nas mãos, os dados de realidade interior e exterior, que podem orientar-nos para uma solução provisória, suficientemente documentada.

Estes dados podem ser recolhidos ao longo de três percursos:

- a vida do Pe. Guanella, observando o seu currículo, as suas realizações: uma sucessão, não árida, de datas coligadas a desejos e fantasias, a fundações às vezes confusas e instintivas, a controvérsias, e cuidando do ânimo interior que vem fora dos seus escritos ou de decisões imprevistas e instintivas;
- a auto-reflexão: os textos, *os documentos*, especialmente aqueles Regulamentos que se multiplicam num certo período e parecem parar-se na metade entre o fato cumprido e o desejo não realizado;
- as impressões, *os juízos* de quem esteve vizinho a ele e julgou-lhe.

Talvez é fatal, também para os Fundadores, aceitarem lentamente as exigências e as propostas do tempo, limitando-se a escolhas precisas e restritas de fins; para os sucessores sobrevém o risco de fossilizarem-se sobre as primeiras formas transmitidas e identificá-las com o espírito da Obra.

No Pe. Guanella, a adaptação não foi nunca acomodação passiva sobre escolhas feitas uma vez, mas confronto crítico entre o pedido de ajuda que lhe era proposto e a sua oferta sempre disponível de serviço para os

casos imprevisto e mais graves, com aquele frescor de entusiasmo juvenil que nos pasmam ainda encontrar nele, septuagenário, nos caminhos da Marsica ou da América.

I. A vida do Pe. Guanella

a) *Resenha de ideais, fantasias, desejos, realizações...*

É um quadro sumário, incompleto, mas bastante indicativo da riqueza exuberante do espírito do Pe. Guanella.

As referências são feitas citando a data e o lugar, quando interessa, com a atividade prospectada, desejada ou atuada, nas suas várias formas, como resulta de uma panorâmica rápida sobre a sua vida.

- **1863** - *Seminário*: missões - meninos e doentes (durante as férias de verão).
- **1867** - *Savogno*: escolas - bons filhos.
- **1868** - para as vocações; em Campodolcino...
- **1872** - escritor popular e ascético.
- **1875** - com Dom Bosco: oratórios - escolas - missões...
- **1878** - *Traona*: colégio, “instituição para o cuidado da juventude” e vocações.
- **1882** - *Pianello*: “elementos e espírito do Cottolengo”: órfãs - escolas, laboratório com dobadura; depois jardim de infância, asilo masculino e feminino para inválidos, velhos, pobres, assistência aos doentes a domicílio; também cegos, surdos-mudos, deficientes, raquíticos.
- **1883/84** - terremoto em Ischia - cólera morbo em Nápoles (a sua oferta de ajuda).
- **1885** - *Ardenno*: escola e catecismo.
- **1885** - aluvião da torrente Tartano.
- **1886 e ss** - *Como*: órfãs, velhos, inválidos, surdos, idiotas, epiléticos, cegos, mudos, aleijados e todos os desgraçados que correm perigo de serem tratados como refugos humanos - A Arca de Noé! - assistência aos doentes a domicílio - assistência aos doentes a domicílio - jovens para o serviço doméstico.

1890: velhos, enfermos, cegos, surdos-mudos, estudantes pobres, crianças iniciadas a uma profissão - mulheres velhas e inábeis, surdas-mudas, crônicas, mulheres de serviço, estudantes.

Os surdos-mudos ali estão em sede provisória, até que não se prepare uma sede própria, assim como para os dementes. 15 classes de necessitados; e... «terminar não se pode, até que existam pobres para internar, necessidades às quais prover».

Para entrar na Casa da Divina Providência «não se pede senão o motivo do sofrimento» (*A Div. Provv.* 1915, p. 206).

- **1890** - *Milão*: jardim de infância S.S. Trindade.
- **1891** - também a igreja para o público: ministério de almas.
- **1893** - *Milão*: jardim de infância em Via P. Castaldi.
- **1894** - *Milão*: jardim de infância em Porta Vittoria.
- **1894** - *Milão*: S. Ambrósio ad Nemus...
- **1894** - «senti reascender-se o desejo de correr em ajuda de alguns Bispos missionários» em visita à Casa de Como.
- **1898** - *Milão*: Oratório de S. Miguel com escola de sustento e escola de outono.
- **1903** - *Milão*: S. Caetano: órfãos.
- **1903** - *Trenno*: colônia agrícola, semi-deficientes - velhos.
- **1896** - *Belgioioso*: mulheres de toda idade e condição.
- **1897** - *Lora S. Maria*: como transferência de Como: velhas, deficientes, órfãs.
- **1897** - proposta de um quarto voto para a assistência aos doentes contagiosos.
- **1898** - *Splügen*, depois *Andeer*: assistência católica entre os emigrados.
- **1898** - *Roveredo*: para velhas doentes crônicas - colégio masculino - colônia agrícola.
- **1899** - *Capolago*: jardim de infância, oratório, asilo, depois também em *Castel S. Pietro e Maggia*.
- **1900** - *Promontogno*: missão católica entre os Protestantes, depois também em *Vicosoprano (1901)*.
- **1900** - *Fratta*: sacerdotes necessitados - velhos e velhas - órfãs - deficientes - oratório masculino e feminino - jardim de infância - escola profissional.
- **1900** - *Villanova del Ghebbo*: jardim de infância e obras paroquiais.
- **1900** - *S. Cassiano del Meschio*: velhos, jardim de infância, escola trabalho, laboratório feminino.
- **1900** - *Menaggio*: bons filhos de famílias abastadas.
- **1900** - *Stimianico*: mulheres necessitadas do povo e de condição civil decaída.
- **1900** - *Barzio*: Jardim de infância - oratório - velhos - órfãos - semi-deficientes.
- **1900** - *Nuova Olonio*: bons filhos: colônia agrícola.
- **1900** - *Ardenno*: deficientes.
- **1902** - *Palestina*: o seu desejo: uma casa no Oriente?
- **1903** - *Roma*: colônia agrícola de Monte Mario.

- **1903** - *Roma*: Asilo Pio X: deficientes, órfãos, velhas (**1904**).
- **1906** - *Carpignano e Livraga*: jardim de infância - asilo feminino.
- **1906** - *Saronno*: moças solteiras: «mesmo sendo um ramo novo, sai necessariamente da mesma planta».
- **1908** - *Roma*: S. Giuseppe al Trionfale: paróquia.
- **1908** - *Gatteo*: jovens e iniciação ao trabalho.
- **1908** - *Ferentino*: órfãos - velhos.
- **1908** - Terremoto de Calabria: «ofereci-me em Roma, Milão, Como, para abrigar algum órfão ou velho sobrevivido aos desastres da Calabria».
- **1909** - *Trecenta*: juventude - obras paroquiais - velhos e doentes.
- **1911** - *Berra*: jardim de infância - escola feminina.
- **1912** - Decretum Laudis.
- **1912** - *America*: emigrantes.
- **1913** - *Laureana di Borrello*: jardim de infância, múltiplas misérias.
- **1913** - A S. Cruzada para os moribundos.
- **1915** - Terremoto na Marsica: órfãos, meninos e meninas, em grande parte aleitados... 300 menores de idade e agora gostaríamos de pensar também nos velhos, porque a Providência parece que no-los envia.

b) Algumas observações

Como se vê, nas suas Casas “Arca de Noé”, estão implícitos muitas vezes um critério e uma escolha precisos, mais do que um caso ou uma força maior. *Na medida em que a fundação consolida-se, poderia abrigar uma órfã, uma escassa de mente, uma velha abandonada e com isto adquiriria a consolante segurança que a vossa obra criou raízes profundas»* (L. MAZZUCCHI, *A vida, o espírito e as obras do Pe. L. Guanella*, Ed. Nuove Frontiere, p. 162).

As obras eram pensadas como cidadelas da caridade, pulsantes de vida de toda idade, com grupos vários e complementares. Depois as especializações e limitações sucessivas reduziram as categorias, até ao grupo de tipo único, que depois foi acusado de ser pobre e mortificante... assim nasceu o problema de abrir os Institutos para o externo.

Frequentemente as Casas devem-se adaptar e aceitar provisoriamente, e não por tempos brevíssimos, categorias novas e imprevistas: surdos-mudos ou dementes e vítimas de terremotos. Tem-se a idéia de centros de “pronto socorro”, ou “salas de espera” para ter um lugar no hospital, onde o enfermo espera uma colocação mais oportuna.

De vez em quando a Delegacia mandava alguém... Verdadeiramente o Senhor chegava, no pobre, nas horas mais inoportunas e imprevisíveis, e precisava que o “servo” estivesse pronto.

c) Um texto

«A família da Casa é uma única família de irmãos que se amam e se estimulam mutuamente. Cada classe de pessoas tem a sua repartição especial... Mas isto não impede que uns possam rir e conversar com os outros: porque faz bem aos velhos encontrarem-se com as crianças e faz bem a estas encontrarem-se com aqueles. Os “bons filhos” vendo os irmãos sãos, despertam-se um pouco; e os sãos, à vista dos doentes, aprendem a amá-los e a compadecê-los. Mas não convém que, por muito tempo, tenham que morar juntos, porque, por causa da humana fragilidade, uns atormentariam os outros; as visitas e as comunicações devem ser breves, como aparições angélicas...» (L. GUANELLA, *R 1905*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 1145).

d) Os princípios de toda esta ação podem ser recolhidos de vários escritos do Fundador

Entre os mais característicos aparece um artigo publicado na *Divina Providência* com a sua firma, em 1900 (abril, pp. 26-28); “Índole e extensão das Obras da Casa da Divina Providência”.

«A Casa da Divina Providência não tem programa determinado, ou para melhor dizer, tem um seu próprio, e é de assegurar-se da necessidade de uma obra, para colocar-se com empenho a começá-la e prossegui-la com a ajuda de Deus e a cooperação dos seus benfeitores, vencendo ou lutando continuamente contra as dificuldades que sempre nisto intrometem-se. Não é, talvez, programa infalível do inimigo do bem, contrariar o bem até o fim?

Ora, esta obras da Pia Casa são obras de misericórdia, e como tais dividem-se em corporais e espirituais; aliás, frequentemente o bem feito ao corpo serve como escada para ajudar do mesmo modo a alma.

A Casa abre as próprias portas àqueles pobrezinhos que são recusados nos outros abrigos ou asilos, precisamente porque para eles não tem ajuda em outro lugar. Ora, Jesus não deu o seu Sangue divino também por eles?

Assim como, porém, não convém que quem tem do próprio viva do alheio, porque seria roubar dos verdadeiros indigentes, assim requer-se que quem apenas pode contribua de algum modo para o próprio alimento, procurando também a ajuda de cada benfeitor em particular: quem é capaz de manter-se por si mesmo, dê uma pensão proporcionada às suas forças, e quem tem pouco dê pouco, desde que cada um procure não ser completamente de peso para a Obra.

E aqui é preciso notar o que já se sabe: a Casa da Divina Providência não tem outros fundos além daqueles que a Divina Providência vem ofe-

recendo-lhe de vez em vez, portanto, não pode renunciar à pequena contribuição dos internados.

Ajuda acenar aqui que muitas Instituições Provinciais e Municipais gastam quantias conspícuas para a instrução e a beneficência; mas por serem estas confiadas a pessoas assalariadas, a vantagem resulta muito limitada, e frequentemente problemática.

Ora, se estas Entidades Provinciais e Municipais se servissem da obra de quem trabalha unicamente pelo amor de Deus e por caridade, certamente empregariam muito melhor o seu dinheiro, e poderiam instruir, assistir e beneficiar muitos mais pobres, nem deveriam lamentar-se da dispersão de dinheiro e de forças.

A nossa Casa, é útil repeti-lo cem vezes, não é de nenhuma maneira um internato ou uma casa de educação. Esta é um asilo para os pobres que em outro lugar não encontram abrigo.

Aqui se dá alimento, alojamento, educação e instrução proporcionada à condição dos internados, e a nossa obra presta-se de boa vontade em ajuda às Instituições Provinciais e Municipais, desde que chamada.

Seria oportuno alójjar e manter senhorilmente os pobrezinhos que, saídos de casebres, deverão depois reentrar nelas? Não!

Aqui pretende-se dar ao pobre aquele tanto que baste para tirá-lo da indigência, mas sem afastá-lo do seu estado: aqui procura-se que aquele tanto seja temperado pela caridade e pela fé para infundir nos internados, também fisicamente, a força e a robustez que lhes fazem frequentemente objeto de inveja para os abastados.

Por outro lado, a nossa Casa pretende alargar quanto mais pode os seus braços para recolher um maior número de miseráveis, e isto resultaria impossível se se tratassem demasiado largamente os pobrezinhos recolhidos. Sabendo que todo bem vem de Deus, a nossa Casa implora todo dia, e mais vezes no dia, o Senhor para enviar-lhe o pão cotidiano, e a Providência, generosa sempre com quem inteiramente a ela se confia, não deixa nunca de ajudá-la.

Dada depois a oportunidade, não se evita de estender a mão ao rico, sem, porém, insistir indiscretamente, sabendo que o coração dos homens está nas mãos de Deus, o qual disse: “Melhor é dar do que receber. Quem dá aos pobres empresta ao Senhor. Beato o homem que se faz próprias as misérias do pobre e do indigente, porque encontrará alívio no último dia da sua vida”.

A Casa, depois, tem o costume, até que as suas forças comportam-no, de prover imediatamente às necessidades urgentes. Infelizmente, é coisa que faz arrepiar o recordar também só algum dos múltiplos casos nos

quais a infância, exposta a sevícias da alma e do corpo, reclama não só caridade cristã, mas também o simples sentimento humanitário para vir tirada, sem hesitação, do seu embrutecimento e ser salva.

Ó! bendito aquele que, com a oração e com o socorro, vem em ajuda a esta obra de misericórdia! No dia da necessidade as consolações divinas virão para confortá-lo! E para realizar tanto bem, quem não será feliz em contribuir com o seu dinheiro, com a sua inteligência, com o seu coração?

Invocadas as luzes de Deus, a Casa da Divina Providência estende as suas obras lá onde parece mais premente a necessidade, e onde a previdência humana vê uma esperança de sucesso» (A Divina Providência, *Índole e extensão das Obras da Casa da Divina Providência*, abril de 1900, pp. 26-28).

Deveríamos aprofundar outras situações para descobrir o ânimo do Pe. Guanella nas situações mais imprevistas e diversas e entender os seus sentimento e o seu endereço. O último quinquênio de vida resultaria entre os mais expressivos:

- as discussões provocadas pela Visita Apostólica e o tormento do ânimo dividido entre o desejo de uma aprovação precisa da Instituição, para a qual se requeria uma reordenação interna, e a recusa da proposta de reduzir alguns fins;
- a idéia da S. Cruzada, tão cristã e tão densa de fé;
- a viagem nos Estados Unidos e a ânsia de fazer logo algo de apto;
- até a vigília do ocaso, ainda nos lugares do desespero e da dor provocados pelo terremoto.

e) *Que coisa impelia-o ainda a percorrer estradas novas, que coisa fazia, como viviam-se aquelas horas de prova?*

Algum texto, escolhido rapidamente.

De Boston, 31 de dezembro de 1912: «*Fraqueza e timidez nossa não termos vindo aqui pelo menos dez anos antes. Tínhamos este desejo ainda menos de dez anos atrás, mas foi preciso esperar do alto a chamada*» (A Divina Providência, 1913, p. 17).

Abril de 1913: «Para o desenvolvimento das nossas Obras... Ao cumprir esta nossa missão, como no princípio, assim recebemos o modo e a medida da caridade de Cristo. Quanto mais um é miserável, desprovido verdadeiramente de meios e privado das humanas proteções, tanto mais e de preferência será recebido e ajudado por nós. Preferiríamos quem tem um genitor só a quem tem ambos os genitores; quem é órfão a quem não o

é; quem não é cuidado por ninguém a quem não está completamente abandonado; quem não é protegido e recomendado a quem goza de favores e de recomendações» (*Ibidem*, p. 49).

Roma, 18 de janeiro de 1915: «Fui a Avezzano com o Pe. Bacciarini para medir a enormidade do desastre que destruiu completamente povoados e bairros como a foice faz com o feno. Que ruína! Que desolação! A alma está em pena. Pelo momento dei lugar para uma meia dúzia de crianças abandonadas e levei-as para o nosso Asilo de S. Pancrácio; em seguida ver-se-á o que fazer... No entanto, na paróquia de S. José constituiu-se logo uma Comissão de socorros. Teria voltado esta manhã nos lugares do terremoto, se mo tivesse permitido a saúde».

Ferentino, 18 de janeiro de 1915: «Enquanto o Pe. Aurelio passava ontem nos Abruzzos, eu vim para Ferentino, onde existem rastros de terremoto e o espanto da população que passava a noite ao ar livre... Amanhã estarei em Roma para ver o fruto da Comissão que lá foi constituída».

28 de janeiro de 1915 - uma irmã de S. Pancrácio escreve: «Temos velhas apatetadas e feridas, e também uma menina de 16 meses, uma outra de 22 meses, homens surdos e cegos... Veio agora o Pe. Luís que disse que quer colocar quase uns cinquenta órfãos e órfãs em S. Pancrácio, entre os quais, a maior parte são lactantes: precisará colocá-los também na cozinha. Eu não sei como faremos. Deus vê e proverá. O Pe. Luís veio aqui todo molhado e com tosse; tinha o quarto aquecido e podia deter-se, mas não quer, porque dizia que devia partir com o Pe. Bacciarini e outros sacerdotes para Avezzano e nos outros povoados para transportar aqui, de automóvel, outras crianças... Veio hoje a Condessa Stanga Parravicini e a mulher do Sr. Delegado de Roma, e outras senhoras trouxeram-me aqui uma velha cega toda trucidada, encontrada desde muitos dias nas ruínas do terremoto e outras... Temos ainda Jesus exposto, e não deixará de ajudar-nos nestes apuros... Até que teremos força de estar em pé, trabalharemos dia e noite».

Roma, 1º de fevereiro de 1915: «Nos nossos Asilos temos mais de 200 vítimas do terremoto: os pequeninos, dos 2 aos 6 anos, estão nas mãos das irmãs de S. Pancrácio. Amanhã de manhã mandaremos duas nossas irmãs... aos lugares do terremoto. Ali irá também o nosso incansável Pe. Bacciarini com a finalidade de dar socorro também aos pobres velhos, que ali perecem também de fome e de frio. Estamos provendo para o seu abrigo» (a Divina Providência, 1915).

Pe. Guanella é ainda um turbilhão de fé e de ação...

II. Documentos sobre a finalidade da Congregação *

Muitos documentos: Estatutos, Constituições, Regulamentos, A Divina Providência, trazem um elenco das atividades que o Fundador já iniciara ou às quais pensava. Retomamos alguns deles:

a) A Providência (n. 1 - dezembro de 1892, p. 2s)

«Na pequena Casa da divina Providência de Como, encontram-se hoje internadas mais de duzentas pessoas, entre homens e mulheres, meninos e meninas, que podem considerar-se como classificados no modo seguinte. (Enumera 7 delas): Padres, Irmãs, e moças aspirantes ao estado religioso; velhas abandonadas ou crônicas, ou acometidas por ligeiras doenças mentais; mocinhas ou adultas na espera de encontrar quando servir em outro lugar; mulheres e moças adidas às oficinas da casa: tipografia, dobadura, etc.; velhos, enfermos, cegos, surdos-mudos etc.; estudantes pobres; meninos ou crianças amestrados em alguma profissão: alfaiates, sapateiros, pedreiros etc.

A Pequena Casa é aberta a todos os desgraçados ou necessitados que lhe vêm enviados de toda parte...

b) Estatuto das Vítimas do Divino Amor (1892 ou 1893)

Também aqui recorda 9 categorias de obras de caridade em uso nas Casa de Como (cf. Opera Omnia, IV, p. 59).

A mesma Casa de Como hospeda mais de 6 categorias de pobres de sexo masculino (cf. Opera Omnia, IV, p. 60).

Depois acrescenta: as Vítimas do Divino Amor empenham-se também na direção de oratórios festivos e no catecismo para os pequeninos nas paróquias várias.

É útil recordar também o fim não assistencial preposto a todo este elenco, para ter a fisionomia mais autêntica da Obra inicial.

Sem esquecer que «As Filhas do Sagrado Coração, nascidas e crescidas sob os auspícios do Divino Coração, propõem-se a adoração perpétua

* Cf. Pe. ATTILIO BERIA: “O Beato Fundador Pe. Luís Guanella - Síntese vivente / Espírito e Carisma”.

conjunta com o exercício das obras de caridade em geral. A adoração perpétua é diurna e noturna» (cf. Opera Omnia, Vol. IV, p. 81).

c) Acenos históricos do Instituto dos Filhos do Sagrado Coração (1898)

O Instituto dos Filhos do Sagrado Coração está na posição mais aconchegada e mais salubre de Como e dentro de uma área de 30.000 metros quadrados, fornecido de prédios novos para mais de trezentas pessoas, rico de pátios e de hortas em abundância.

Atualmente é habitado por uns cinquenta entre leigos, clérigos, sacerdotes que ali moram “*more religiosorum*”.

Dedicam-se em geral às obras de caridade e gastam os próprios cuidados com cerca de trezentos internados, distintos em diversas famílias de abandonados menores, de pequenos artesãos, órfãos, de estudantes pobres, de velhos inábeis, de doentes crônicos de toda idade e condição, seguindo o exemplo da Pequena Casa da Divina Providência e do Oratório de S. Francisco de Sales, em Turim, dos quais o Sacerdote Guanella, por muitos anos, estudou a sua índole.

A atual Casa de Divina Providência, em Como, é fornecida de mestres para as artes e profissões e é também fornecida de professores habilitados para o ensino das escolas do primeiro grau ao segundo grau, inclusive também aqueles jovens que aspiram a entrar na Congregação nascente.

Os Filhos Sagrado Coração têm também aberta uma assistência católica para os operários lombardos em Splügen (Suíça, cantão Grigione).

d) Estatuto dos Filhos do Sagrado Coração (1898)

Fim da Casa

1. O fim da Casa é tríplice: asilo, trabalho e instrução.
2. Internam-se: *a)* Crianças abandonadas, órfãos, aleijados, cegos, idosos, enfermos e abandonados de todo gênero; *b)* jovens e adultos que pretendem retirar-se do mundo com o propósito de passar na Casa a vida em obras de caridade em benefício dos pobres internados.
3. O trabalho tem como finalidade: *a)* dar uma ocupação a todos os internados, porque o ócio é o pai dos vícios; *b)* Fornecer uma profissão a quem é capaz de aprendê-la; *c)* Para obter um honesto lucro para a Casa.
4. A instrução em geral é unida ao trabalho, e dá-se a todos os artesãos; é mais cuidada nestes pequenos jovens inteligentes e piedosos que

querem percorrer a carreira eclesiástica (L. GUANELLA, *Estatuto F3C 1898*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 911).

e) Constituições dos Filhos do Sagrado Coração (1899)

O seu fim é a santificação própria na observância dos Conselhos Evangélicos e no exercício das obras de caridade em geral.

Em particular, depois, dedicam-se às obras de Misericórdia de hospedar as crianças necessitadas, os velhos abandonados, os doentes crônicos, os órfãos, os idiotas.

Aplicam-se, como a obras secundárias, à instrução e educação da juventude nas escolas e nos oratórios festivos (L. GUANELLA, *C.F3C 1899*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 941).

f) Regulamento dos Servos da Caridade (1905)

1. Um coração cristão que crê e que sente não pode passar diante das indigências do pobre sem socorrê-las. Nisto se conhece que alguém é verdadeiro seguidor de Jesus Cristo, se tem a caridade pelos pobres e para com os sofredores, nos quais é mais viva a imagem do salvador.

2. Os Servos da Caridade são, porém, especialmente benditos porque o Senhor confia aos seus cuidados:

- a) as crianças abandonadas e os pais inúteis, ou como seja em perigo, estas crianças são a delícia do Coração de Jesus;
- b) os velhos, os doentes crônicos, os deficientes, os impotentes em geral, os quais, como o Paráclito do Evangelho, vêm gemendo: *hominem non habeo!* (não tenho ninguém!).

Socorrer no corpo e na alma tantos miseráveis, desiludidos do mundo, traídos pelas amizades humanas, é também o bom ofício do piedoso Samaritano e traz o bom fruto das promessas divinas: *“beati misericordes”*...

Os bons Servos da Caridade poderão alegrar-se um dia porque está escrito: *“beatus qui intelligit super egenum et pauperem in die mala liberabit eum Dominus”*.

- c) Gravíssimo dever nos nossos dias é vir em socorro espiritual e corporal daqueles nossos numerosos irmãos que, obrigados a emigrar em regiões estrangeiras, ali encontram muito frequentemente a ruína da fé, com a mesma ruína corporal. Sejam, porém, dadas graças à divina Providência, que dirigiu os Servos da Caridade na

- fundação, na Suíça, de algumas Igrejas, de algum asilo e de um colégio em favor dos sofreadores e dos filhos pobres do povo.
- d) Consequência natural destas fundações é também a ereção de escolas de artes e profissões, os mais comuns para as necessidades da vida e mais oportunos para as capacidades dos internados.
 - e) Do mesmo modo, providencial é a fundação das colônias agrícolas, nas quais se comprometem pessoas internadas pouco aptas para outras instruções, deficientes e semi-deficientes, que na cultura dos campos, gozam de poderem-se reabilitar.

Parecem múltiplas as obras do Instituto dos Servos da Caridade, mas são tão conexos e dependentes, que formam um todo com a Instituição que desde o seu nascer é comumente dita: Casa da Divina Providência (L. GUANELLA, *R. SdC 1905*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 1145).

g) Regulamento dos Servos da Caridade (1910)

Retoma-se o esquema da Relação do Pe. Attilio Beria:

- O instituto tem caráter de Instituto de Abrigo.
- É serviço de caridade mediante as obras de misericórdia corporais e espirituais.
- Para os filhos pobres do povo, os velhos pobres do povo e o exercício da vida apostólica:
 - entre os filhos pobres: preferir as crianças aos velhos; órfãos dos pais: estudantes; artesãos;
 - entre os adultos: pobres de mente, de forças físicas ou de saúde corporal, de capacidade de prover a si mesmos o pão; internados de toda idade e condição;
 - vida apostólica: é, no entanto, fim do Instituto é para alguns sacerdotes o ministério paroquial que pode ser assumido, de preferência, nas missões (L. GUANELLA, *R. SdC 1910*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 1227).

Em 1912

O visitador, Mons. Balconi, por ordem de Roma, insistia com o Pe. Guanella para que limitasse os fins especiais, e as atividades do seu Instituto. Em particular, insistia para que excluísse a assistência aos velhos. O Pe. Guanella, que estava de acordo em dever limitar as atividades, não quis ab-

solitamente renunciar à assistência dos velhos e redigiu uma carta e a fez assinar por todo o Conselho, aos 25 de agosto de 1913, na qual diz: «*O asilo dos idosos foi sempre principal fim e razão nossa, posta em evidência na sua unidade de conceito com o abrigo da infância abandonada*».

A coisa resolve-se, porque o Santo Padre arrogou a si a questão e concordou com a idéia do Fundador.

De tantos serviços caritativos, depois do despojo cumprido naturalmente pelo tempo, e o abandono voluntário de alguns, no final da vida do Fundador, permaneciam: (reenvio à biografia do Pe. Mazzucchi que dá a situação na morte do Pe. Guanella).

- Velhos doentes ou abandonados
- Aposentados
- “Bons filhos”
- Colônias agrícolas
- Jovens (escola obrigatória) e
- Artesãos
- Missões católicas
- Estados Unidos e emigrantes
- Ministério e Paróquias.

III. O juízo dos contemporâneos

O juízo que a gente fizera-se da atividade do Pe. Guanella e das finalidades às quais a Obra dirigia-se, emerge das intervenções de numerosas personalidades por ocasião da sua morte. Transcrevemos alguns de “A Divina Providência” de 1915.

O Prefeito de Como: «... infinita fileira de beneficiados, órfãos tirados dos perigos da rua e da ignorância; velhos socorridos na indigência e no abandono; infelizes redimidos do embrutecimento; misérias da sociedade saradas e convertidas em elementos por sua vez úteis e benéficos».

«Obra intensa de caridade, de assistência social, de elevação do povo e particularmente dos mais abandonados e desafortunados».

Sobre a imagem-lembrança: «O Pe. Guanella foi o pai dos órfãos, o amigo dos pobres, o benfeitor dos miseráveis».

A Ordem (Jornal da Província de Como): «... Obras destinadas a sararem tantos doentes do corpo e da alma, a confortarem e aliviarem tantas

misérias, a abrigarem tantos órfãos e órfãs, tantos velhos e impotentes, tantos deficientes e infelizes de toda maneira».

A Itália (Jornal nacional), transcrevendo alguns trechos do discurso do Cardeal Ferrari nas exéquias solenes do Pe. Guanella: «Sob as grandes asas protetoras da sua obra providencial encontram abrigo e socorro, operários, velhos, abandonados, todas as grandes e as pequenas misérias que afligem a humanidade aqui na terra... Eis as obras do Pe. Guanella: grandes asilos para os mais desgraçados entre os humildes, os refugos da sociedade, aqueles para os quais nenhuma outra porta quer abrir-se, nenhum outro braço oferece-se para a ajuda... Indicai-me onde é preciso fazer o bem e ali encontrar-me-eis – parecia que dissesse – e, com efeito, encontrava-se ele em toda parte onde havia uma miséria para aliviar, uma desgraça ou uma dor para compadecer... Nas casas da divina Providência acolhem-se todos aqueles que têm necessidade de ajuda e de socorro – homens, mulheres, jovens, velhos, doentes, deficientes, abandonados –, e para todos provê-se segundo as várias necessidades... Pe. Guanella costumava repetir: – Eu considerei-me sempre instrumento da Providência, e abandonarei toda coisa que julgasse que não é querida pelo Senhor».

Il Corriere della Sera (Jornal nacional): «Entendeu que a sua missão devia consistir em reagir, na medida do possível, contra as mais transcuradas desventuras. Por que deviam-se deixar pelas ruas os inábeis a pedirem esmola? Por que os pequenos órfãos, os enjeitados não recebiam asilo em institutos aptos? Em substância, ele pensava – e este conceito guiou toda a sua obra – que ocorria integrar a ação dos Institutos filantrópicos existentes, para recolher todos aqueles que, o por razões burocráticas, ou pela irremediabilidade das suas deficiências, ou porque provenientes de lugares excluídos da jurisdição dos institutos, ou por outros impedimentos, não podiam receber hospitalidade desses mesmos institutos».

Vita e Pensiero (Revista mensal da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão): «Cada uma destas fundações tem uma história e uma característica própria: a unidade nelas é mantida pelo fato que elas surgiram todas sob a direção do Pe. Guanella, coordenadas no seu conjunto de sinal benéfico, que abraçava toda necessidade das classes e das categorias mais necessitadas sob qualquer forma, do abrigo para deficientes e para inábeis ao jardim de infância, do asilo para moças solteiras abandonadas ao orfanato, da colônia agrícola à assistência dos operários emigrantes, da escola primária ao seminário, da oficina ao hospital» (FILIPPO MEDA).

Conclusão

Esta conclusão do Pe. Pellegrini (que escrevia antes do Capítulo especial para a aprovação das nossas Constituições) deve ser lida agora como estímulo a uma interpretação criativa das mesmas nossas Constituições.

Depois destas e outras leituras, cada um quererá tirar as suas conclusões e sentir-se livre de exprimi-las.

Um texto de Regra que apresente a finalidade da Congregação deveria descrever o compromisso confiado pelo Fundador à Congregação, de uma forma historicamente exata, juridicamente comprometedor, espiritualmente carregada daquela fé, entusiasmo, empreendimento que brilharam no Fundador e foram-lhe reconhecidos. Deve limitar-se a um núcleo essencial, acima e fora das visões restritas e adaptações de tempos particulares; com uma guia, eventualmente, que ajude a inserir-se no contexto de tempos e de exigências determinadas, mas sem se ligar, e sempre prontos a partir para outras mais urgentes metas de caridade, na medida em que se revelam.

Pode dar-se que no texto de Regra queira-se encontrar mais aquilo que nós pedimos à Obra Pe. Guanella, que aquilo que a Obra Pe. Guanella pede a nós; e seria também compreensível, porque pode ser concedido a um bom servo pactuar com o patrão que considera melhor ou mais conforme com as suas idéias. O Pe. Guanella não procurou o Pobre (“Patrão”) mais remissivo, mas o pobre mais indiscreto, mais exigente, mais atormentado e mais inquietante.

Considera as suas Casas mais “prontos-socorros” sempre abertos, ou “salas de espera” para ter um lugar no hospital, onde o enfermo espera a acomodação mais oportuna. Uma obra assim dificilmente enquadra-se nas exigências de perfeição técnica, de organização científica que se quer dar também à assistência; pode parecer que, assim, a Regra pretenda-nos todos heróis da fé, prontos a deixar toda atual arrumação para procurar quem sabe quais misérias e catástrofes.

Nada: bastaria uma Regra que não limitasse o campo às escolhas alcançadas uma vez, cristalizando as posições alcançadas num determinado tempo. Uma Regra que permita estar contentes, cada noite, do trabalho ordinário, cotidiano e intenso, mas que nos lembre também o esplendor das nossas origens e deixe a dúvida que, certas vezes, alguém possa ser chamado, solicitado para alguma coisa a mais, para entender as misérias

novas e mais graves dos tempos e a deixar-se levar para onde o Espírito pode mover.

É verdade: é mais questão de espírito do que de Regra; mas toca também à Regra formar o espírito.

Para exprimir um parecer: a afirmação transcrita acima e feita no Capítulo Especial parece já melhor, mais aberta, mais capaz de evocar os horizontes quase infinitos da caridade do Fundador, daquela passada no texto *ad experimentum*, com um “catálogo” de pobreza, inegavelmente nosso, mas tanto limitado aos tempos e, talvez, já um pouco superado pelas necessidade e pelos convites do povo de Deus.

APROFUNDAMENTO SOBRE O FIM SECUNDÁRIO DA CONGREGAÇÃO DOS SdC

Pe. Piero Pellegrini

É um outro aprofundamento do Pe. Piero Pellegrini, aplicado especialmente ao valor dos nossos Institutos para jovens, escrito num período no qual na Itália estes eram postos em discussão. Mesmo se a questão dos serviços educativos e em favor dos jovens necessitados ou em dificuldade mudou muitíssimo, especialmente nas sociedades ocidentais, o artigo oferece boas idéias para um confronto sobre quanto agora estamos realizando nas diversas nações com as intuições originais do Fundador.

Uma questão que se encontra sempre aberta é aquela do fim e do espírito nosso, seja por quanto concerne ao conhecimento e à reflexão, seja pelas determinações práticas que disto derivam.

Transcrevo a proposta de um grupo de estudo. «Aprofunde-se o significado de carisma do Fundador com estudos diretos sobre os escritos e atividades do Fundador e sobre o ambiente sócio-cultural vizinho, por tempo e lugar, ao Fundador».

Depois propôs-se criar um “Centro de estudos guanellianos”. E vem em mente quantas vezes, desde o tempo do Pe. Mazzucchi, propõe-se e convida-se a este estudo; no Capítulo especial houve uma decisão precisa. Mas este último Capítulo (trata-se do Capítulo especial de 1975-76), encontrou-nos ainda atentos a discutir sobre termos e, portanto, incertos sobre como formular o fim no texto constitucional e os pareceres eram nitidamente divididos: a) formular de modo genérico o fim, deixando espaço prático para formas novas: nomearam-se os leprosos, os drogados, os decaídos moralmente, e todo outro caso novo de miséria; b) ou deter-se na tradicional distinção de finalidades típicas, desde sempre reconhecidas à

* *Informazioni* n. 14, Novembre de 1976.

Obra Pe. Guanella, com aquelas variantes que não danifiquem “as estruturas próprias do Instituto?”.

Em concreto, trata-se dos destinatários da nossa obra, os pobres; quais pobres? Os mais pobres? E qual assistência oferece para eles a Obra Pe. Guanella?

«A pesquisa – foi dito numa intervenção – deve ser feita mediante estudos históricos sobre o carisma guanelliano: mas não é provável que se conclua que o Pe. Guanella tenha escolhido os pobres mais pobres em sentido absoluto; escolheu uma categoria de pobres: jovens e idosos, enquanto abandonados e enquanto necessitados de uma casa e de uma família».

Outros coirmãos insistiram que a Congregação «comprometa-se na difusão do reino da caridade entre os mais pobres, fazendo surgir a pergunta: devemos dirigir-nos a outras categorias de necessitados, além dos idosos, das crianças e dos deficientes?».

Enfim, foi dito, «tem-se a impressão (entre fim e destinatários) de um pluralismo inorgânico, isto é, de endereços numerosos e diferentes que desorientam os jovens».

Encontramo-nos diante de uma incerteza de princípios que não ajuda a trabalhar tranquilamente. Percebe-se a crítica que coirmãos de alguns setores movem a outros: «não trabalhais mais pelos pobres, pelos mais pobres: para ser verdadeiramente guanellianos deveríeis transferir-vos no terceiro mundo (também da nossa casa) onde há verdadeira necessidade».

Que coisa querem dizer ainda – foi perguntado – os nossos institutos, enfim, também as nossas Paróquias que coisa têm de guanelliano?

É chato insistir sobre estes argumentos, mas se há desilusão, cansaço, pessimismo em alguns, parece-me que uma causa esteja precisamente na falta de segurança sobre a validade das nossas obras tradicionais; como se tudo fosse errado e fosse urgente mudar tudo. Bem ou mal, de toda esta crítica parecem salvar-se apenas as obras, não numerosas (*naqueles tempos*), para idosos e deficientes.

Mas propor-se estas perguntas significa sentir vivamente os problemas do nosso tempo; não saber que coisa responder e deixar amadurecer as coisas sozinhas não é responsável; espantar-se com elas e escapar do campo é certamente a solução menos guanelliana, porque muito provavelmente retirando-nos deixaremos abandonada tanta pobre gente.

Por isto, o discutir de carisma e de fim significa alimentar a nossa fé em Deus, autor de toda graça; raciocinar das categorias de pobres e de mais pobres quer dizer estar atualizados com problemas sociais e assistenciais e em regra com os métodos pedagógicos.

Se no final restasse-nos a dúvida de não sermos perfeitamente guanelianos em alguma forma de pastoral da caridade, poderemos bem adaptar-nos, convictos de que na Igreja nenhum religioso pode reduzir-se a uma caixa selada com a exclusiva marca da fábrica, correspondente ao conteúdo: o que conta é que se promova com mão firme o reino da caridade.

Tudo isto todavia estimula-nos a levar adiante a reflexão em pelo menos duas direções.

- uma geral: a presença do Fundador hoje nas nossas comunidades e obras;
- a outra particular: o significado da presença guaneliana nos institutos.

A presença do Fundador

Encarregado de preparar, para o Capítulo geral, uma relação sobre a nossa vida religiosa guaneliana, com referência particular ao Fundador, pareceu-me útil propor o aprofundamento do tema da vida comum, entendida pelo Pe. Guanella e, na medida do possível, reconstruída hoje dos textos e da história.

Os poucos acenos vêm reapresentados para servir a revalorizar certas formas nossas não ainda esquecidas, mas certas vezes um pouco menos presentes.

Tendo o Pe. Guanella partido de uma experiência de vida com Dom Bosco, é oportuno ver qual pôde ser esta experiência: como Dom Bosco ensinava a vida comum e como ela era realizada pelos salesianos da primeira geração.

Um texto de Dom Bosco é bastante expressivo, também porque tem uma formulação muito semelhante a textos que se encontram no Pe. Guanella:

«Nesta sociedade... todos os sócios conduzem vida comum, ligados somente pelo vínculo da caridade fraterna e pelos votos simples, que os une de modo que formem um só coração e uma só alma, para amar e servir a Deus com as virtudes da pobreza, da castidade e da obediência, e com um teor de vida estritamente cristão.

O vínculo que tem unidas as Congregações é o amor fraterno. Eu creio de podê-lo chamar o eixo sobre o qual giram as Congregações religiosas» (*A Comunidade salesiana*).

Que coisa tenha significado em prática, para Dom Bosco, esta afirmação, estão perguntando-se, atualmente, os mesmos salesianos. Observa um deles:

«O amor entre os coirmãos, no estilo salesiano, é mais efetivo do que afetivo, precisamente como acontece numa família religiosa, na qual papai e mamãe demonstram mutuamente o seu amor, com o mútuo acordo e trabalhando, incessantemente, para a manutenção e a educação dos filhos. Os salesianos não são cônjuges sem prole, que concentram todo o seu afeto nas mútuas relações, mas são genitores de uma grande família, que manifestam principalmente o amor nas relações com os filhos, pelos quais imolam toda a sua vida».

E, aprofundando a pesquisa, propõe este quadro:

«Um quesito deste muito tempo martela a nossa mente: qual é o carisma comunitário próprio da vida salesiana? Hoje, formas e exigências novas defrontam-se neste setor. Não parece, portanto, fora de lugar examinar atentamente a vida e a tradição salesiana, para captar os elementos essenciais e característicos de tal vida comunitária. Documentaremos, rigorosamente, a nossa análise, de modo que brilhe de luz meridiana que a novidade característica de tal concepção comunitária não é aquela de uma comunidade de religiosos que se dedicam a um apostolado juvenil, mas de um conjunto de educadores que formam com os educandos uma única comunidade educativa, uma única família.

Um exemplo de tal estilo de vida tem-se, ainda que com algumas características diversas, na obra de Blouet sobre os seminários da França. Ele escreve: “Os três solitários de Vaugirard davam-se assim a noção da nova obra, na qual, sendo suprimidas todas as distâncias entres mestres e discípulos, a educação será o fruto de uma completa comunidade de vida entre uns e outros. Os discípulos, chegando, ocuparão o seu lugar ao lado daqueles que os atendem e que serão mais os companheiros da sua vida que não os seus mestres.

Em lugar de uma assembléia variada, na qual se veria um superior unicamente preocupado de administração e de vigilância, um Ecônomo exclusivamente absorto pelos cuidados materiais, dos professores acantonados no meio dos seus livros e expostos

a procurar fora de casa ministérios ou relações incompatíveis com a sua missão, nós temos uma comunidade perfeitamente homogênea de verdadeiros educadores, e de verdadeiros pais dos nossos jovens, a serviço dos quais eles põem em comum a sua ciência, a sua experiência, as suas observações cotidianas, a sua solicitude mais delicada e mais atenta”».

Eis o tema que nos propusemos examinar:

«... A vida comunitária entre aqueles primeiros colaboradores de Dom Bosco esgotava-se toda no trabalho que eles cumpriam em redor da juventude sob a sua guia».

Também o Pe. Guanella, como Dom Bosco, afirmou a preeminência do vínculo de caridade; são conhecidos os textos:

«A Congregação dos Filhos do Sagrado Coração... é uma pia união de Sacerdotes e de Leigos os quais vivem conjuntos pelo vínculo de caridade e pelas ligações dos votos simples» (L. GUANELLA, *Constituições dos Filhos do S. Coração, 1899*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 943).

«De todos faça-se como um só e dos afetos de cada um constitua-se, como dos grãos de trigo moídos, misturados, empastados, um pão só, que depois oferece-se na mesa comum para reavivar com o corpo também o coração dos comensais» (L. GUANELLA, *Máximas de espírito, 1889*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 22).

«As comunidades dos dias de hoje, especialmente nas religiosas e depois também nos religiosos, sustentam-se ligadas sobretudo pelo vínculo da caridade e, com este simples e nobre vínculo do amor, santificam a si mesmas e edificam o próximo. Grande coisa é o poder dizer: vim a este lugar de muita boa vontade e aqui moro induzida não por outro vínculo senão pela minha vontade, que quero seja unida sempre à vontade santíssima do Senhor meu Deus» (L. GUANELLA, *Máximas de espírito, 1889*, Opera Omnia, Vol. IV, p. 23).
Este é, talvez, o texto mais antigo em propósito (1889).

Um entre os mais recentes:

«A primeira idéia foi aquela de um vínculo de caridade: amadureceu depois a idéia de uma Congregação aprovada» (*Fragmenta*, II, 13, p. 4, dopo o 1912).

O Pe. L. Guanella propõe-nos textos semelhantes àqueles de Dom Bosco. E nós também, como os salesianos, perguntamo-nos qual significado prático tivessem todas aquelas afirmações, que coisa quisessem dizer, postas no quadro da vida religiosa de cada dia; vida que, é bem conhecido, tinha mais intensas relações com os assistidos, que feita de atos comunitários entre coirmãos.

Em relação à descrição relatada pelos salesianos, dever-se-ia reler a inteira seção do Regulamento de 1905, sobre o sistema preventivo; na base, o Pe. Guanella põe a imagem guia da família de Nazaré, tomada como modelo da Casa; e nesta perspectiva insere toda a atividade global da casa: os coirmãos e os assistidos nas atividades, inclusive os hóspedes.

Nesta família os coirmãos encontram modo de estabelecer entre si relações especiais, conseqüentes à escolha do vínculo de caridade que os liga entre si e dos votos religiosos; mas todos os presentes em casa, setor por setor, vivem a própria unidade familiar nos compromissos cotidianos partilhados: oração, estudo e trabalho encontram profundamente associados coirmãos e assistidos e toda pessoa presente na casa, constituindo uma realidade educativa bem definida pelo termo “família”.

Provavelmente o quadro retomado pelos salesianos, com uma certa acentuação das relações entre os coirmãos, pode resumir bem também a primeira experiência de vida comum guanelliana.

Poder-se-ia observar que aqui, mais do que no método preventivo, esteja a verdadeira novidade da pedagogia cristã, novidade que naquele tempo está inserindo-se também nas famílias onde a formação, alicerçada sobre o rigor da autoridade, atenua-se numa relação mais igualitária e dialógica. O Pe. Guanella, como se sabe, viveu em si esta passagem como história pessoal, do autoritarismo rígido de família à experiência de jovem educador “democrático” no colégio Gallio. Pode ser que, pela influência contrastante da formação recebida e das suas exigências pessoais, as suas intervenções pedagógicas não tenham sido sempre coerentes, mas a escolha de fundo de um sistema novo é indiscutível.

É interessante relevar agora que, nas casas onde esta forma de conviver é mais fácil e favorecida por várias condições, os coirmãos afirmam a validade da sua obra em qualquer setor que esta se manifeste; quando, ao invés, acentua-se o destaque dos assistidos, que não fazem mais “família” com os coirmãos encarregados, então sente-se mais freqüentemente surgir a pergunta embaraçadora: *que significado tem ainda a presença guanelliana? Por que existe esta obra?*

Não gostaria de simplificar demasiado o problema e, talvez, exagerar, encaminhando a reflexão sobre os Institutos educativos em particular: a forma dos grupos-apartamento, que parece o ponto de chegada da pedagogia moderna (proposta em alternativa aos Institutos), afinal de contas, parece um aprofundamento e uma especialização ou, no máximo, uma variante de método sobre o princípio geral de fazer comunidade-família com os alunos: um par de educadores unidos em comunidade com um pequeno grupo de jovens é o “mini-modelo” da nossa mesma escolha pedagógica. Reconhecendo às estruturas o seu lugar e também um peso frequentemente notável, deve ser também sublinhado que no centro da família não estão as estruturas, mas o coração.

É quanto pede-se ainda hoje para ser originalmente guanellianos.

Índice

Apresentação	pág. 5
Introdução: o espírito próprio dos guanellianos	» 7
Espírito e espiritualidade (Pe. Piero Pellegrini)	» 9
– Uma fé pessoal que compromete todo o nosso ser	» 10
– Modelos de espiritualidade	» 12
– A espiritualidade agostiniana	» 15
– A espiritualidade do Pe. Luís Guanella	» 16
– A sua intuição fundamental: a paternidade de Deus ...	» 20
• Os princípios	» 20
• As consequências	» 20
• Os documentos	» 22
A figura do Pe. Guanella (Pe. Leonardo Mazzucchi)	» 29
<i>Um coração e um rosto</i> - Para lembrança e para imitação ..	» 29
<i>Uma espiritualidade?</i> - Para um estudo e uma prática	» 34
– Síntese da doutrina espiritual enucleada dos escritos, da vida, da tradição	» 34
<i>O pensamento</i>	» 43
– A este número serve como complemento a cronologia revista e melhorada, transcrita no Charitas n. 103	» 43
SSíntese sobre a espiritualidade do Pe. Guanella (Pe. Leonardo Mazzucchi)	» 47
I. Caminha na presença de Deus, olhando para Ele com amor de filho	» 48
II. Com grande confiança na Providência	» 48

III. Alimentando com a oração fervorosa a tua piedade: “Rezar”	pág. 49
IV. Reforçando a tua vida espiritual com o sacrifício: “Padecer”	» 50
V. Com o coração ardente de caridade para com o próximo	» 51
VI. Com zelo de apóstolo fervoroso e incansável	» 51
VII. Com espírito de visões amplas, unido a atitudes de benevolência e misericórdia (sistema educativo) e a incansável laboriosidade	» 52
O fim da Congregação dos SdC (Pe. Piero Pellegrini e Pe. Attilio Beria)	» 55
I. A vida do Pe. Guanella	» 57
a) Resenha de ideais, fantasias, desejos, realiza- ções...	» 57
b) Algumas observações	» 59
c) Um texto	» 60
d) Os princípios de toda esta ação podem ser recolhidos de vários escritos do fundador	» 60
e) Que coisa impelia-o ainda sobre caminhos novos, que coisa fazia, como viviam-se aquelas horas de prova?	» 62
II. Documentos sobre a finalidade da Congregação	» 64
a) A Providência (n. 1 - dezembro de 1892, p. 2s) ..	» 64
b) Estatuto das Vítimas do Divino Amor (1892 ou 1893)	» 64
c) Acenos históricos do Instituto dos Filhos do Sa- grado Coração (1898)	» 65
d) Estatuto dos Filhos do Sagrado Coração (1898) ..	» 65
e) Constituições dos Filhos do Sagrado Coração (1899)	» 66
f) Regulamento dos Servos da Caridade (1905)	» 66
g) Regulamento dos Servos da Caridade (1910)	» 67
Em 1912	» 67
III. O juízo dos contemporâneos	» 68
Conclusão	» 70
Aprofundamento sobre o fim secundário da Congregação dos SdC (Pe. Piero Pellegrini)	» 73
– A presença do Fundador	» 75

Fotocomposizione di
3F PHOTOPRESS
Viale di Valle Aurelia, 105
00167 Roma - Tel. 06.3972.4606
E-mail: tipo@3fphotopress.it

